

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 75 — LISBOA, 22 DE OUTUBRO DE 1942 — PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO



*A mulher do Minho —
a mulher mais portuguesa*
de **PORTUGAL**

Foto ANTÓNIO SILVA — Porto

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

O sr. Goebbels, ministro da Propaganda alemã, proferiu recentemente em Weimar, por ocasião da cerimónia inaugural da «Semana do Livro Alemão», um longo discurso no qual, entre outras afirmações, fez a do incontestável valor da literatura humorística. Esta afirmação, embora não possua qualquer originalidade, tem, em todo o caso, o mérito de ter sido proferida por um homem que desempenha um dos mais altos cargos culturais do seu país. Há muito quem por esse mundo desdenhe da literatura humorística, considerando-a um género de duvidosa qualidade. É um erro — talvez mesmo um erro que poderá chamar-se académico. Evidentemente, o humorismo deturpado ou mal interpretado não nobilita as belas-letras — embora, por vezes, faça rir ou cõrar os descendentes, mais ou menos legítimos, dos granadeiros de Wellington. Mas o humorismo puro, fino, consciente, psicológico, de monóculo, de flor na botocira do «smoking», de luva irrepreensivelmente branca, e, ao mesmo tempo, alegre e saudável, luminoso e flagrante, esse não é apenas uma das grandes expressões literárias que se conhecem: é também uma utilíssima instituição social. Distrair conscientemente é uma das mais poderosas formas de educação. Um livro risinho, claro, concetioso, acessível, bem disposto, é uma verdadeira cura de ar livre. O sr. Goebbels, reafirmando esta teoria, segue uma doutrina que, imparcialmente, nos parece justa. Mais do que uma vez temos perguntado a nós próprios porque não há-de inscrever o S. P. N., entre os seus prémios literários anuais, um prémio para o melhor livro de humorismo? O que, em regra, se corõa de louros são coisas melancólicas, talvez gloriosas, mas soturnas. Porque se não há-de estimular o sorriso literário?

RIBEIRO DE CÁRVALHO

ESTE ilustre jornalista que a morte agora levou, era — quantos talvez o ignorem — um admirável poeta. Principalmente os seus sonetos têm o esplendor das maravilhas. Um dia, a propósito de coisas literárias, perguntei-lhe se a poesia seria, perante as realidades da existência, batida pela prosa da guerra, na primeira ocasião. Riu-se: — Não creio, meu amigo. Penso que no Universo haverá sempre espaço para Vénus — e para Marte!

BOA EDUCAÇÃO

SEGUNDO afirmam os jornais, o pessoal da Companhia Carris de Lisboa, tem agora um professor de boas maneiras. Adorável ideal! Estamos já a ver os condutores da benemérita instituição aproximarem-se dos passageiros, tirarem o «bonet», estenderem-lhes graciosamente a mão e murmurarem

F R E I - D I O G O



Este Diogo de Macedo, homem de sete ofícios, escritor, escultor, conversador, assíduo frequentador do Chiado, é bem uma individualidade curiosa sob aquele chapéu característico — que dir-se-ia ter nascido com êle. Fumador incorrigível, êle tem, de há muito, a sensata opinião de que certos vícios — como por exemplo este, do cigarro — estimulam as virtudes. Eis, sem dúvida, uma das razões porque Diogo de Macedo — respira santidade. Com um burel de estamemha nos ombros, uma corda de nós à cinta, e umas sandálias enfiadas nos pés — seria Frei-Diogo. Um Frei-Diogo — claro — para quem a Arte não deixasse de ser a suprema religião. A sua obra de estatuarió não será uma obra vasta — mas é uma obra cheia de artística dignidade. A sua obra de escritor, de conferencista, é como a sua obra de estatuarió — a obra dum homem sensível. Porque a respeito de sensibilidade, poucos lhe ganharão. A mais pequena coisa o comove — e o perturba. Basta dizer que nunca sai de Vila Diogo — sem um frasquinho de sáís, sáís que dantes eram ingleses e agora são patrióticamente neutros...

com a vaporosa leveza das figurinhas de Watteau: — Bóscência já está servido!

A LISONJA

OS governantes são, muitas vezes, vítimas da lisonja. As pessoas que os rodeiam, no propósito de lhes serem agradáveis, falseiam, com frequência, as realidades, dando-lhes uma imagem falsa e prejudicial da verdade. Luiz XIV foi daqueles a quem a lisonja mais prejudicou. O que vale são as anedoctas que daí nasceram.

Um dia, Luiz XIV perguntou a um corteão que horas eram. Logo este, numa extensa vénia:

— As que Vossa Magestade quiser!

Outro, a quem o Rei se queixava de já não ter dentes, comentou:

— Dentes, meu senhor? É coisa que já ninguém tem...

Um belo dia o Rei-Sol lamentava a sua constante gordura. Consolaram-no:

— Pelo contrário, Vossa Magestade está sensivelmente mais magro.

— Ainda há dias me pesel. Num ano — aumentei seis quilos...

Imediatamente um lisonjeiro, curvando a sua casaca de sêda:

— Quem pode acreditar em balanças, meu senhor?

CRÍTICAS

CANTAVA-SE uma opereta no Coliseu.

— Então êle disse que eu cantava muito bem? — inquiria uma das vedetas, dum sujeito que falara com o conhecido crítico da «Voz», Tôrres de Carvalho.

O sujeito explicou:

— Pelo menos êle foi-se embora no fim do 1.º acto, dizendo que nunca tinha ouvido — cantar assim...

O DENTISTA

HOUVE em Lisboa um dentista que teve fama: chamava-se Moisés. Um dia certa cliente, tendo necessidade de extrair um dente, perguntou-lhe se êle tirava os dentes sem dor. Resposta imediata:

— Nem sempre, minha senhora. Ainda ontem ao tirar um dente a um cliente, magoei um dedo — que ainda me dói...

UM CONSELHO

QUANDO um homem casa com uma mulher perversa só tem, no dizer de Molière, um caminho a seguir: fechar os olhos — e atirar-se ao mar...

Sabendo nadar, é claro!

AVISO AOS INCAUTOS

RECORTO de Lacreteille: «O que afirma, falando das mulheres — já as conheço! — é um ingénio que acaba sempre por ser burlado por uma tóla.

A LILI VAI TOMAR BANHO

ou a história duma lição que se transforma em castigo

VOCÊ que passa a vida a rabujar, que se lamenta porque não há carne, porque não ganha para o arroz que não tem, que protesta porque adormeceu e não tem «táxi», para cobrir o «déficit» do tempo; você que tem das horas que vive e que não vive uma noção pessimista e desolada; que diz que somos um povo triste quando ri e alegre quando chora; você que acha mal o que está bem e que lamenta que não sabemos aquilo que nos não ensinaram — aqui tem estas fotografias que são lições e motivos de orgu-

lho para o fotógrafo que as fez, para nós que lhas mostramos e para você que as vê...

Não é verdade que você mesmo tem dito, na roda dos amigos, nos círculos onde prepondera:

— Compreende, somos um povo de analfabetos que nem sabe lavar a cara!

Pois aí está: a Lili mostra-lhe que não tem razão de ser o seu feio pessimismo! Ela não só é uma pessoa imensamente asseada que sabe muito bem executar o programa da sua «toilette», como ainda se prestou a deixar-se fixar na câmara escura, para nos dizer o que fez e como faz...

Lili, que não tem medo da água, levantou-se, calçou os chinelinhos



com sola de cortiça, embrulhou-se no amplo lençol felpudo e atou na cabeça o lenço airoso que a mãe recebeu de presente, em Alcobaça. Vêem-na?

Entrou no quarto de banho — e aqui a temos de copo em punho, a gargarejar, como gente crescida, num bom acto de asseio elementar...

Lili teria um desejo enorme de nos dizer a respeito de escóvas de dentes e pastas dentrificas uma quantidade enorme de coisas que ouviu dizer ao papá — que é médico e amigo de dar lições que não se entendem. Mas, por isso mesmo, porque ela, que é pequenina não entende, nada nos pode dizer: a linguagem de todos os papás que são médicos é tão difícil de compreender por todos os papás que não são médicos e que só sabem falar servindo-se de nomes «feios» que a Lili não encontra no seu vocabulário quotidiano, quando trata com as bonecas doentes...

Vá lá, Lili, vamos a continuar a tua liçãozinha de «toilette» matinal...

Oh! Oh! Mas isso não se faz! Quantas vezes a mãezinha te disse que isso não é bonito nem asseado?

Não, Lili, a água de lavar os den-

tes não se deita no lavatório, ouviu?

Levante os olhos, levante a cabeça, sua mãzona... Ficou aí de narizito enterrado na bacia a espreitar a água a escoar-se no ralo; perdeu todo o bom conceito em que a tinham as pessoas crescidas... E nós que a trouxemos para aqui! Ora espere...

Aqui tem o leitor a Lili meio envergonhada, meio amuada, a não querer fazer beicinho, só para fingir que é forte e que não sente vergonha...

Ah! Lili, Lili, que és bem mulher, pessoazinha perversa...

Vamos tomar banho: lavar essas ruindades da alma e do corpo. Não haja medo: quanta mais água, melhor. A Companhia até gosta — e a Lili, que ainda o outro dia veio de brincar nas ondas do mar, vai daqui a nadinha ficar entusiasmada quando perceber que, na banheira, a água até aos ombros a embala doce-mente como as ondas do mar, como os sonhos da sua almita infantil; como os sonhos da mulher pequenina que vive nela...

Tenha paciência, leitor, volte a página: a Lili vai tomar banho...

MANUELA DE AZEVEDO

A misteriosa viagem de Cristovão Colombo

H

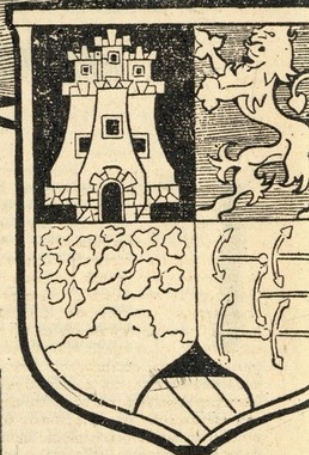
A quatrocentos e cinquenta anos que Cristovão Colombo descobriu a América, e continua o mistério do seu nascimento, da sua origem, da sua nacionalidade. Realmente, não há de ser insignificante pecado o ser-se célebre, visto que ninguém conseguiu, até hoje, e por mais que tenham sido remexidos pergaminhos e códices, não só da época mas documentos mais recentes e que existem em várias bibliotecas. Todos querem saber ao certo as origens do arrojado navegante que se lançou entregue ao acaso pelos mares fora em busca de novos continentes. A minúcia das pesquisas e as afirmações que se dão hoje como positivamente certas, são destruídas amanhã com uma argumentação que parece estar fora de dúvida.

Cristovão Colombo, desde há muito tempo que deixou de ter nascido na Galiza, e o almirante — ao parecer genovês — passou por ser catalão, português, grego, andaluz, dinamarquês, judeu... Mas pode afirmar-se que estudo algum conseguiu aclarar o mistério e, antes pelo contrário, maior confusão estabeleceu sobre a nacionalidade e ascendência de Cristovão Colombo.

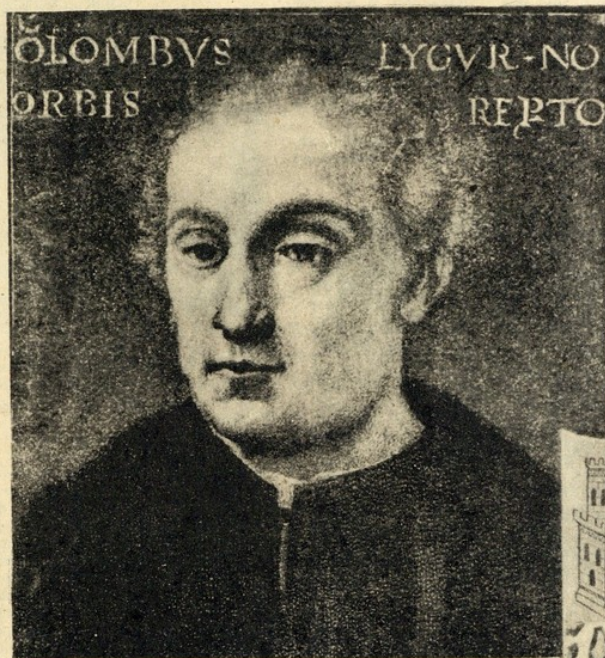
Isso não obsta que seja curiosa, por sua vez, toda a pesquisa feita, e que não deixa de ter um certo interesse, dada a fantasia em que muitos julgam ter encontrado a verdade. A mais recente é atribuída a um sábio genealogista espanhol, Don Fernando de la Quadra Salcedo, que, em vista de estudos aprofundados, chegou ao convencimento de que Colombo era filho natural do almirante de Castela e, dada a cer-

teza, sobrinho do rei Don Fernando, o Católico, apoiando a sua teoria na particularidade de não acreditar que houvesse dois Colombos: o palentino Juan Cristobal e Cristoforo Columbus, filho de Genova e que morreu vítima de aquê em resultado de episódios de fundo amoroso.

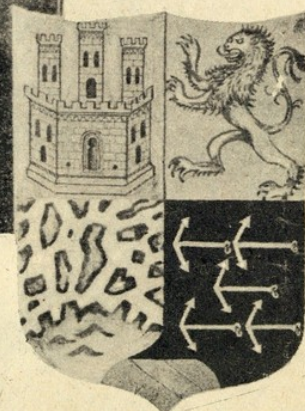
«Não resta dúvida que houve um Colombo espanhol — afirma o historiador, mantendo que existiram



Firma e armas de Cristovão Colombo. Na firma aparecem as letras E N S, de Enrique e Cristofor, tradução de Cristovão



Um retrato de Colombo atribuído a Sebastiano del Piombo — e que se diz ser o único autêntico — e as suas armas

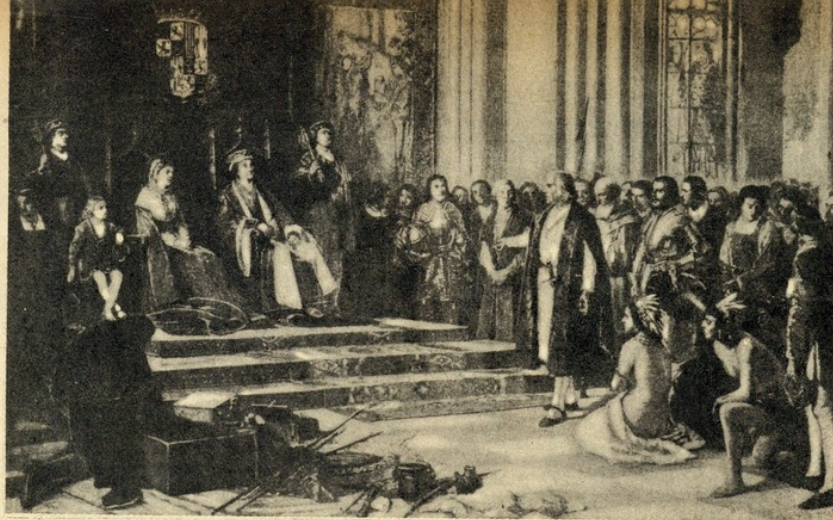


O último regresso depois das suas três viagens ao Novo Mundo por âle descoberto — imobilizado



dois — nascido em Palência, de onde eram oriundos, também, seus pais». Mádoz, também é da mesma opinião, embora confunda Palência com Placencia.

«Conseguí saber — a afirmação é um pouco forte! — que esse Colombo era filho ilegal de Don Enrique Enríques, e nascido de uma linda palentina, casada com um tecelão chamado Colombo e que deu o seu



nome ao futuro almirante de Castela. Este Colombo era catalão, como em geral todos os tecelões, que em regra geral e por esse tempo, se vinham estabelecer em Palência.

Mas o outro Colombo de que fala em sua crônica Don Fernando de la Quadra Salcedo?

Segundo ele, trata-se de uma história de fundo trágico. Colombo era homem do mar Mediterrâneo e do Atlântico, tendo nascido em Génova ou Saona. Fêz-se amigo do espanhol do mesmo apelido e fala a respeito d'ele Fernando Colombo ao escrever sobre a vida de seu pai. O seu nome aparece bem claro nos documentos colombianos da Recolta. Viveu algum tempo em Portugal, e ao naufragar, buscou refúgio em Lisboa, recebendo a melhor hospedagem em casa do português Juan Cristobal Colombo, casado com uma senhora nobre, de apelido Muniz Perestrelo. A amizade entre os dois era íntima, e Colombo não soube dignamente corresponder à fidelidade do hospedeiro, travando-se de amores com a Perestrelo, o qual, ao surpreendê-los, feriu de tal maneira o italiano que este pouco tempo sobreviveu, morrendo na mesma casa onde se dera o justo crime.

Surge agora o ponto mais interessante: «Este e não o outro — afirma de la Quadra Salcedo — foi o navegador que Fernando de Oviedo garante ter morrido em casa de Colombo, marinheiro do qual sem precisar qual deles, nos fala Herrera. Ao expiar, o Colombo

genovês teria facilitado a sua documentação ao Colombo espanhol acerca de umas ilhas descobertas por ele para os lados do ocidente, facto a que também se refere Humboldt, na sua obra intitulada «Os precusores do descobrimento da América».

Colombo que fez então? Nada menos do que isto: o espanhol, o que, de facto, descobriu o Novo Mundo, assim que o italiano morreu, saiu fugido de Portugal, onde lhe tinha sido instaurado processo pelo crime. Dirigiu-se a Palos de Moguer em procura de auxílio dos frades dominicanos, por estes serem muito amigos de seu pai, Enrique Enriques.

Entre os argumentos com que joga de la Quadra Salcedo para firmar a sua hipótese de que este Colombo de Palência foi o verdadeiro descobridor da América, figura a firma *Cristoferens*, de onde nasce para o imaginoso genealogista a pretensão de ver apócope de Cristobal Enriques, referindo-se também ao escudo de armas estatuído por Colombo no seu morgadio, e que diz: «Minhas armas, que eu deixarei depois dos meus dias».

Nessas armas figuram a banda dos valentinos e as cinco âncoras indicadoras de que Colombo era o quinto almirante da Casa Enriquez. No escudo figuram também o castelo e o leão, que são as mesmas armas da Casa Enriquez. A vista disto, de la Quadra Salcedo conclue que os reis católicos

O primeiro regresso: em solene audiência relata e dá provas da sua viagem

não teriam dado ou outorgado tais armas ao almirante, assim como os Enriquez o teriam suportado, a não existir o parentesco que sem dúvida havia. O escudo tem cinco âncoras e sabe-se que são o símbolo dos almirantes, mas, para o caso, uma

só era quanto bastava. A que propósito vem, pois, a inclusão das cinco?

Don Fernando, o filho de Colombo o historiador, revela ter ouvido mais do que uma vez seu pai contar que ele não era o primeiro almirante da família, o que faz supor que Colombo pôs as cinco âncoras por conhecer a sua ascendência e para dizer que era o quinto almirante da Casa Enriquez, sendo seu pai o segundo, e os três restantes os seus irmãos, filhos de Don Enrique Enriquez.

Em resumo: a nova e pitoresca hipótese leva à conclusão de que o Juan Cristobal Colon espanhol, perseguido pelo crime já referido, fugiu com as cartas náuticas de Columbus, o italiano, e com toda a sua documentação. Idealizou a sua viagem e levou a bom cabo a sua aventura para o êxito da qual foi favorecido pelos seus amigos, os frades dominicanos de Palos de Moguer, tendo realizado a sua primeira viagem sob o nome do assassinado.

Devemos pôr de reserva tudo quanto se afirma sobre a nacionalidade e ancestralidade do grande navegador. Mas a nova hipotética referência histórica da origem de Cristóvão Colombo, fundada agora em curiosas conjecturas, traz mais um subsídio de estudo para os colombianos, sempre ávidos de novas fontes de investigação.



Perante a Junta de Salamanca, Colombo apresenta os seus ousados projectos

«Os meus olhos fatigados vieram emergir aereias diante da proa da «Santa Maria» — escreveu Colombo



Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO. EFEITOS IMEDIATOS.

À venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeita imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:





*A chegada do marechal
Smuts a Londres*

A GRANDE TREPIDAÇÃO

por Francisco Velloso

NAO cessaram, com as de Goering, as séries de declarações dos homens de Estado a quem compete a suprema condução da guerra, dir-se-ia que, em certo momento, elles decidiram fazer o que usa denominar-se «liquidações». A oitava foi mais sensacionalizada por acontecimentos politicos do que por sucessos militares. Tal como os chefes alemães, os das Nações Unidas produziram afirmações tanto sobre a situação actual e as projecções da acção militar nas frentes, como sobre a situação interna dos países e as condições circunstanciais em que será feita a reconstrução económica do mundo depois de terminada a guerra.

PARA AMANHÃ

No dia 9, em mensagem dirigida à Convenção norte-americana do Comércio Externo reunida em Boston, Roosevelt lançava novamente a directriz dos trabalhos em que a reconstrução mundial será efectuada: «Os homens amantes da liberdade deverão possuir em toda a parte o direito de produzir, da melhor forma que estiver ao seu alcance, as coisas que melhor sabem produzir. Isto implica a igualdade de acesso às matérias primas e ao capital.» Os economistas de amanhã não deixarão de glosar estes e outros conceitos, dando relevo à coincidência de tanto um como outro dos blocos beligerantes, e mais impressionantemente aquêlles mesmo que invocam a liberdade e a independência dos povos, abjurarem do velho tema do liberalismo económico. Sob a Nova Ordem condicionada pela hegemonia germânica ou no regime da Carta do Atlântico, o que se defende é uma economia instalada e dirigida não já dentro de cada Estado, senão no campo imenso dos interesses internacionais.

Sumner Welles, desenvolvendo perante aquela Convenção o principio formulado pelo presidente, atacava o magno problema desse trabalho gigantesco de reconstrução: o da distribuição das matérias primas, e traçava o âmbito geral de uma solução que convém não perder de vista, agora que todas as nações começam a encerrar tanto as eventualidades de futuros e definitivos choques de exércitos, como a questão perturbadora do «post-bellum». Apreciando os abastecimentos, disse elle:

«O problema das matérias primas não é, exclusivamente, nem mesmo principalmente, o problema das colónias ou de regiões inexploradas. Existem riquezas em países muito adiantados, e o acesso às matérias primas não significa o domínio de um território mas a possibilidade de adquiri-las nos mercados mundiais. Lembrou, em seguida, as facilidades anteriores

à guerra e afirmou que os países que, antes dela, exigiam colónias não pretendiam ser potências coloniais, mas dispor de territórios que possuíssem e fornecessem matérias primas. A Carta do Atlântico, porém, não favorece a agressão, pelo contrário, reprime-a. Por isso o acesso às matérias primas, a que alude a referida Carta, é o acesso àquelas que servem para a paz — isto é o direito de adquirir pacificamente e por meio do comércio legal aquilo de que os países careçam. Como, porém, nos anos seguintes à guerra a produção será escassa para as necessidades de cada nação «será necessário fazer financiamentos a longo prazo, liquidáveis por meio de troca de mercadorias, desde

visitar as bases navais da alta Escócia, proferia em Edimburgo um discurso de singular repercussão. Parece que o grande estadista inglês, que vinha sendo acicatado de perguntas, algumas delas insidiosas, nos Comuns, desempolgadas como frechas pelas oposições (Hoare Belisha continua a escrever tremendos ataques em jornais argentinos), quis desembaraçar-se de todas, enfileirando a resposta e dominando a questão que vinha a acirrar-se desde as declarações de Wilkie e de Estaline, com risco de fomentar uma desorientação

veio debater a situação ripostando aos «agitadores da segunda frente», e fez o balanço da situação que é para esta resenha de acontecimentos o que mais importa:

«A guerra submarina continua a ser o maior problema das Nações Unidas, mas não há qualquer razão para que ela não seja solucionada por decisões prodigiosas de ataque, defesa e substituição, nas quais a Grã-Bretanha, o Canadá e, acima de tudo, as Nações Unidas estão occupadas.

«Os meses de Agosto e Setembro foram, não direi os melhores, mas os menos piores, desde Janeiro. Viram novas construções de navios mercantes excedendo as perdidas; a maior tonelagem de bombas britânicas lançadas sobre a Alemanha; as mais frequentes chegadas de tropas dos Estados Unidos às ilhas britânicas; um crescimento definitivo na superioridade aérea aliada sobre a Alemanha, Itália e Japão. Nestes meses, principalmente em Setembro, longe, no Pacífico, os australianos, com os seus aliados, realizaram um bom avanço na Nova Guiné. Não costumo acalentar expectativas vãs, mas estas são factos sólidos e importantes.»

No dia 13, versando a previsão de ataques aéreos alemães no próximo inverno, elle dizia aos trabalhadores da defesa civil de Edimburgo que não concordava com o ponto de vista de que a renovação dos ataques aéreos contra as nossas cidades transformaria os ataques anteriores «em verdadeiras brincadeiras». E acrescentou:

«O poder do inimigo é muito menor do que era e muitissimo menor do que era em relação ao nosso poder e aos nossos métodos. Ao mesmo tempo parece possível que, tendo-se malogrado as suas tentativas noutros locais, tente de novo voltar-se contra nós, mas por pouco tempo. Continuaremos a bombardear as cidades alemãs em escala crescente até ao fim da guerra.»

Era quasi outro Churchill... Descerrado este quadro, Churchill concluiu que as Nações Unidas chegaram a «um momento importante da guerra que exige em alto grau firmeza de espirito e constância de alma». Trocado em míticos, isto significa que os Aliados atingiram a altura em que se exige o maior domínio dos nervos para as decisões definitivas. Portanto — e ei-lo a ferir a fundo aquêlles «agitadores» — «cansaço, complacência ou fúteis discórdias àcerca de assuntos de pouca importância, prejudicarão as nossas perspectivas. Devemos todos elevar-nos ao máximo das nossas forças! Devemos preservar e corrigir o nosso senso das proporções! Devemos esforçar-nos por combinar as virtudes do bom senso e da audácia! Devemos avançar juntos, unidos e impiedosos!»

A referência às «discórdias inú-



Sumner Welles, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos.

que se reduzam as barreiras artificiais das tarifas aduaneiras. E, como antecipadamente se vê, eliminar o espectro das dividas da guerra, e colocar a reconstrução mundial no terreno de uma intercooperação, baseada na dupla garantia do aumento da produção e da protecção financeira das nações mais ricas, que são naturalmente as americanas e entre estas, os Estados Unidos.

A RÉPLICA DE CHURCHILL

Três dias depois, Churchill, ao

frênética na opinião pública de todas as nações e abalar perigosamente a confiança nos chefes responsáveis, civis e militares.

O discurso tomou o tom de uma réplica ao de Hitler, e isto deu às suas palavras algo de vivacidade polémica em que o primeiro dos parlamentares ingleses appareceu seguro da sua posição, como há muito não se via.

Não era, porém, senão um incitamento geral e entusiástico ao combate e à resistência contra a Alemanha. A meio da sua oração, Churchill desceu de seus vãos,

colona! Dias depois mais oito navios brasileiros eram afundados no Atlântico Sul.

Nesse comunicado lia-se este aviso implícito:

«Tanto o Chile como a Argentina foram informados de que os Estados Unidos não lhe podiam comunicar categoricamente todos os factos que têm em seu poder, mas foram informados de que estes existem, satisfazendo em absoluto o Governo dos Estados Unidos. Foi bem esclarecido que não há intenção, da parte dos Estados Unidos, de exercer qualquer pressão económica ou de outra qualquer espécie, para que esses países abandonem a neutralidade, pois isso depende apenas das suas vontades; mas se qualquer desses países, pensando bem uma segunda vez, considerará a presente situação, isso seria aqui bem visto.»

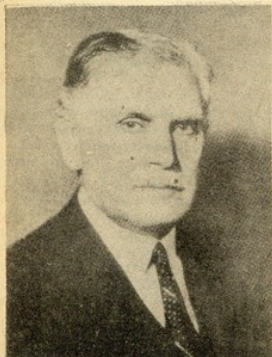
Visto a seguir:
«Lembra-se que em resultado da Argentina e do Chile se terem comprometido, na conferência do Rio, a cortar as relações com o «Eixo» e a exercerem fiscalização sobre as comunicações, foram enviados alguns fornecimentos navais e militares para o Chile, mas é positivo que novo auxilio desta natureza dependerá dos acontecimentos. Em Washington esperava-se que o Chile cortasse as relações com o «Eixo»; mas há pouco tempo acreditava-se no Chile, largamente, que os Estados Unidos se satisfariam com a sua presente situação de neutro. Esta suposição foi repelida pelo discurso de Welles, feito em Boston, e não pode deixar de ser coincidência ter sido feito antes da visita do presidente Rios aos Estados Unidos, visita que, se os Estados Unidos continuassem em silêncio, daria a impressão de que Washington estava muito satisfeita com a presente posição neutral do Chile.»

Desde os planos de 1895 e 1911, a organização alemã na América jogava com estes trunfos. E-los na mesa. Mas a cartada é ganha hoje por Cordell Hull e por Oswaldo Aranha. A esquadra e o exército brasileiros, disse-o há dias Knox, vão passar a primeiro plano. O Brasil de amanhã será uma grande potência militar no Atlântico. Não haja mais ilusões.

AO VIRAR DA PÁGINA

No dia 8, reapareciam na imprensa novas informações sobre as fortificações de Dakar, onde a esquadra francesa veio acumular-se. Um telegrama do Departamento da Marinha em Washington fixava no Cabo Palmas um presumível base de submarinos alemães, pequenos

(Conclue na página 18)



O Presidente Castillo, da Argentina

2.ª Um dos capítulos no qual chegamos a perfeito acôrdo, é a necessidade de distrair forças inimigas da Rússia e da China para outros teatros de guerra, estabelecendo novas ofensivas contra a Alemanha e o Japão. O anúncio destas ofensivas, de quando elas serão lançadas e onde, não pode ser transmitido pela «rádio», nesta ocasião.»

Podemos, pois, ter por certo que se aqui há dois meses esturraga no Estados Unidos um levante sem nexo nem rumo, restos das infiltrações isolacionistas, que acusava a Inglaterra de não fazer esforço igual ao dos Estados Unidos — ao que triunfantemente Lyttelton replicou que estava a dar-se exactamente o contrário — hoje a muralha não apresenta brechas, a hora da ofensiva geral aproxima-se (Knox anuncia-a no Pacifico, onde o Japão vem deixar nas ilhas Salomão e nas Aleutas a pele da sua soberbia) e nas próprias Américas a voz de Washington enegrossa de intimativas que há bem pouco tempo não existiam.

A COESÃO AMERICANA

Sumner Welles no seu já mencionado discurso de Boston, no dia 9 de Outubro, referiu-se aos encorajamentos recebidos das repúblicas americanas. Mas observou pertinentemente:

«É verdade que duas outras das 21 Repúblicas americanas ainda hesitam em cumprir as recomendações da Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro, na qual estiveram representadas partilhando nas deliberações, e ainda permitem que os seus territórios sejam utilizados por agentes oficiais e subversivos das potências do «eixo» como base de uma actividade hostil aos seus vizinhos. Em consequência das informações dadas por esses agentes sobre o movimento da navegação dos aliados, foram afundados, sem aviso prévio e quando navegavam entre portos americanos, navios brasileiros, cubanos, mexicanos, dos Estados Unidos e do Panamá e muitos cidadãos destes países perderam a vida nas águas do hemisfério occidental.»

A alusão ia directa a Buenos Aires e a Santiago, cujas chancelarias protestaram. O presidente chileno adiou a sua viagem de visita a Washington. Os dois governos visados negavam formalmente a verdade das afirmações na parte que deixamos sublinhadas, mas o presidente Rios cobria-se declarando «in fine» do seu telegrama a Roosevelt que o governo persistia fiel ao princípio da defesa do continente americano. E, de facto, a agência francesa que continua a estar excepcionalmente bem situada para as informações americanas, advertia no mesmo dia dos protestos que estava à vista uma solução satisfatória.

Sumner Welles é por característica um espírito de segura prudência. Não podia ter feito o que fez sem conhecimento de Roosevelt e de Cordell Hull e sem possuir elementos de incontestável certeza demonstrativa nas suas afirmações. Na véspera do incidente, as legações da Alemanha, da Itália e do Japão em Santiago haviam sido proibidas de enviar telegramas cifrados. Porquê?

No dia 13, um extenso comunicado officioso de Washington desvelava nada menos que provas de uma vasta rede de espionagem perfurando as resistências americanas, operando de centrais chilenas e argentinas até Cuba e Bar-

Empregaremos todos os esforços para auxiliar os lavradores, mas ao mesmo tempo é necessário que eles mostrem o firme desejo duma sincera cooperação. Pode ser que todos os nossos esforços voluntários, embora com a melhor das intenções, não bastem para resolver este complicado problema. Nesta hipótese, teremos de adoptar leis novas. Se isto for necessário não supponho que o povo americano não seja capaz de vencer as dificuldades.»

Há também nas considerações de Roosevelt um aspecto quasi novo, relativamente à mobilização: — o de que do vigor juvenil e treinado do soldado depende a bravura que apossará a vitória, e portanto de que é necessário que as fileiras sejam preenchidas por homens com 23 e 24 anos de preferência aos de 33 e 34.

Enfrentando então os «mangas de alpaca» de crítica fácil que erguem o pendão das oposições, afirma que os planos estratégicos estão sendo estabelecidos por homens competentes, os almirantes Leahy e King, os generais Marshall e Arnold, que trabalham constantemente com os representantes do Estado Maior inglês e da Rússia, da China, da Holanda, da Polónia, da Noruega, dos Domínios Britânicos e das outras nações que lutam pela causa comum.

E vêm, ao encontro de Wilkie recém-chegado da sua viagem, e das agitações acerca do retardamento da nova frente, estas duas ordens de declarações: 1.ª Desde que se realizou a unidade das operações, em Janeiro último, e houve um substancial acôrdo entre esses chefes, dos quais nem um só deixa de ser treinado na profissão das armas, no ar, no mar e em terra, desde a sua juventude



O Presidente Rios, do Chile

teis acerca de assuntos de pouca importância» marca, não divergências entre Londres e Washington, mas a zona de uma perturbação enervada que empenha naturalmente a acção de comando e desmoraliza diante do inimigo as forças combatentes.

A UNIDADE DAS OPERAÇÕES

Como para manter a seqüência, Roosevelt fazia, na noite de 12 para 13, mais uma «palestra à la-reira», fórmula que apenas no rótulo disfarça verdadeiras e oportunas declarações políticas.

Não exige perspicácia verificar nelas uma colusão com as de Churchill. Há até em ambas o mesmo grau de subida convicção da vitória, o mesmo despendimento de exaltações românticas, e um doseado sentido das realidades.

O presidente regressou há pouco do que chama viagem de inspecção a acampamentos, escolas de treino e fábricas de material de guerra, e trouxe dela a conclusão de que a nação norte-americana tornou-se «uma grande força combativa». «Nós vamos vencer, não permitais que vos digam o contrário!» — exclamou ele. O potencial das Nações Unidas está empenhado nisto no mais alto grau desta luta. Depois, esta conclusão ampliou-se para mais vastos horizontes: — «Batemos largamente o inimigo na batalha da produção».

Os chefes e dirigentes das violências serão presos e julgados de acôrdo com as leis criminais. E acentua então o problema vital da produção, aludindo à sua experiência no alto cargo que exerceu durante a outra guerra.

Segundo Roosevelt, as potências do «Eixo» estão sendo largamente batidas pela orgulhosa energia dos Estados Unidos, cuja contensão pode medir-se no facto de que dentro de um ano haverá nas fábricas tantas mulheres como homens. A mobilização do potencial humano exige que «a medida que novas fábricas vão entrando em laboração, são precisos nelas mais e mais milhões de operários». Ao número acrescem a selecção, o treino e a distribuição da mão de obra entre a indústria fabricante da guerra e o labor constante do campo, donde saem os produtos alimentícios para a população do país e para as das nações aliadas.

O presidente pôs nesta altura a mão no conflito que há pouco ia reclamando o seu veto no Congresso (e ele sabe dar ao Capitólio o seu agradecimento pela sua decisão na matéria), a propósito da alta dos preços da lavoura que derrubaria toda a construção económica norte-americana. E o ditador Lincolniano da «Nira» e do «New Deal» entremostrou-se nestes avisos:

«O povo americano espera que a lavoura mantenha o seu nível de produção e até mesmo o eleve.

Os DENTES

só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. NAS FARMACIAS E DROGARIAS

Entre nós



Na tarde de 15 d'êste mês desceu o primeiro avião no aeroporto da Portela de Sacavém, que na segunda-feira começou definitivamente a funcionar. Nêle tomaram lugar, além dos srs. engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, e de John Balfour, ministro da Grã-Bretanha, alguns convidados. A gravura mostra-nos aquele membro do Governo abandonando o aparelho da «British Airways», depois duma aterragem que resultou impecável.



O Chefe do Estado, acompanhado dos srs. drs. Mário de Figueiredo e Lopes de Almeida, respectivamente ministro e subsecretário de Estado da Educação Nacional, inaugurou, com toda a solenidade, na Sociedade de Belas Artes, a I Exposição Feminina de Artes Plásticas.

O sr. ministro da Educação Nacional recebeu, há dias, os dirigentes da «Mocidade Portuguesa», srs. prof. dr. Marcelo Caetano, comissário nacional; dr. José Soares Franco e major Frederico Vilar, comissários adjuntos; prof. Rui Vaz, dr. Cordeiro Lobato, rev. José Montalverde, comandante Soares de Oliveira e capitães Viana e Marques, respectivamente, directores de serviço de publicidade e propaganda, higiene e saúde, formação moral, náutica e instrução geral, e os delegados provinciais que receberam instruções para o ano escolar que acaba de começar.



Na igreja de S. Domingos rezou-se na passada quinta-feira missa em acção de graça pelo casamento do sr. D. Duarte Nuno com a infanta D. Maria Francisca de Orleans e Bragança. Foi celebrante o prior Mons. Manuel Vieira, acolitado pelos revs. PP. José Gonçalves Ferreira, João Baptista Arraiano, Jacinto de Sousa e Luiz Borba. O vasto templo de S. Domingos estava completamente cheio. Na capela-mor viam-se, entre outras pessoas, os srs. Conselheiro João de Azevedo Coutinho, comandante Paiva Couceiro, o sr. dr. Rui de Andrade, antigos ministros e antigos parlamentares monárquicos; antigos oficiais do Exército e da Armada e muitas senhoras. A gravura, mostra-nos o sr. conselheiro Azevedo Coutinho e outras personalidades monárquicas de relêvo ao abandonar o templo.



A sala regorgita de veraneantes. O ambiente é de alegria sã. Aquela hora da noite o bafejo do mar, que habita a pouca distância, refresca a temperatura. Dentro de momentos, principiava a recita de amadores locais... Um grupo cheio de vontade e habilidade vai exhibir-se diante de quem traz ainda nos ouvidos o estrondo apoteótico das revistas, a voz cava das trágico-comédias, ou o eco normalmente roufeno das operetas arrancadas à poeira dos tempos...

As representações na provincia têm um cunho pitoresco, muito próprio, inconfundível, despertando a curiosidade de quem é de fora, e não pensa em envergar trajos bem vinculados, nem gravata condizente à camisa — ou à côr do fato...

O traje é qualquer, desde que seja à vontade — e decente, claro.

Quando o espectáculo começa, faz-se silêncio respeitador. Número a número, a riqueza folclórica acentua-se. Para a terra, para as possibilidades materiais e para os cabedais artísticos dos intervenientes, é muito.

O intervalo encontra toda a gente satisfeita. A da terra, impante de lógico orgulho; a visitante, louvando o tempo empregado. Sobretudo o que mais entusiasmou foi aquele rapaz esguio, duma verticalidade notável, que de maneira tão convicta, tão sentimental e melodiosa, cantou o «elogio do cavador».

As palmas ganharam maior expressão, volume mais forte. O rapaz até no agradecimento era fino, sóbrio, natural.

Da plateia houve alguém que se

José Fernandes Badafox, de nome, embora tenha nascido na freguesia de Colares, cava — cava o pão de cada dia.

Cavador poeta cantor e músico

levantou e se dirigiu aos bastidores. Procurou o intérprete que tanto dera nas vistas — e no ouvido... Troca rápida de palavras.

O cantor ficou surpreso... Talvez atônito... E só um bocado depois de ter escutado, sem dizer palavra, pôde balbuciar que seria uma grande alegria e que desde já estava ao inteiro dispôr para o que fosse preciso. E o caso é que o rapaz que tão galhardamente defendera o ca-

vador, um mês depois rumava para as bandas da capital!...

* * *

Era uma intuição, na opinião de quem o procurára no teatrinho de Almoçagem, digna de ser aproveitada e explorada. Não somente porque o rapaz cantasse bem, não. O caso assumia um aspecto mais sensacional, mais extraordinário, quiçá invulgar. O rapaz era cavador de

profissão e actor, cantor e poeta — nas horas vagas...

Entusiasmou-se com a perspectiva de vir a Lisboa cantar na Rádio.

E o mês que mediou entre a noite que lhe falaram no assunto e aquela em que pela primeira vez se viu num ambiente absolutamente novo — e com um microfone impassível diante de si, pareceu-lhe uma eternidade!...

— Você é mesmo cavador?

— Sou tudo o que o trabalho do



campo pedir. Não ando à jorna, trabalho por minha conta, nas terras que me pertencem. Hoje cavo, amanhã varejo, sacho, vindimo, depois pódo. Peço no trabalho à hora de todos os trabalhadores. E o horário é o mesmo: almoço às 10, janto às 3 da tarde e ceio à noite, — com a merenda às 6 horas, no verão.

José Fernandes Badajoz tem 22 anos. Nasceu no Mucifal, freguesia de Colares. O apelido Badajoz é intruso. Começou por ser uma alcinha do avô, um caminheiro impenitente e admirador profundo da pitoresca cidade fronteiriça. Deram, por isso, de chamar-lhe *Badajoz* — e Badajoz ficou. O apelido irá naturalmente de geração em geração, alterando por completo a ascendência verdadeira duma família.

O seu à-vontade, torna-o à primeira fala, simpático. É nesse à-vontade, discernindo com clareza e medindo os termos, que ele diz, respondendo a uma catadupa de perguntas que lhe fizemos:

— Desde os 12 anos que me interesso pelas coisas de teatro. Com essa idade, servi de figurante numa peça lá no grémio. Aos 14 vim a Lisboa ver uma revista. Impressionei-me. Os bailados entusiasmasvavam-me. Pensei fazer o mesmo lá na terra. Deu-me muito trabalho, mas estou contente, porque hoje já vejo alguma coisa. Sim, porque eu tenho ensaiado números coreográficos, só pelo que vejo e oiço!...

«Poeta? Eu não sou poeta. Faço uns versos, como represento, canto ou invento música. Sempre nas horas vagas, geralmente à noite, de-

«Poeta? Faço versos, como represento, canto ou faço música — sempre nas horas vagas».

O poeta-cavador cantando ao microfone do Rádio Clube Português.

pois de despegar da lide. E o meu entretenimento, a minha satisfação, o meu amor...

Trêguas, por segundos. E José Fernandes Badajoz continua:

— Devia ter 19 anos quando fiz os meus primeiros versos... Achei graça. *Fazer bater uma palavra com outra* é o mesmo que o som duma canção que enche os ouvidos!... Procurei continuar — e continuo!

— Leva muito tempo a fazer os seus versos?

— Conforme. As vezes é um instante. Outras leva um bocado. Não encontro a rima e esta mesmo nem sempre reflecte aquilo que cá vai dentro...

— Que versos prefere?

— Ah! Os que falam da terra, da gente que vive da terra. A terra é tudo. Ela devia bastar-nos, como dizem alguns livros bons que tenho lido. Sabe? Leio muito. Ou melhor: leio aquilo que as minhas poses consentem. Porque a *livralhada* está cara...

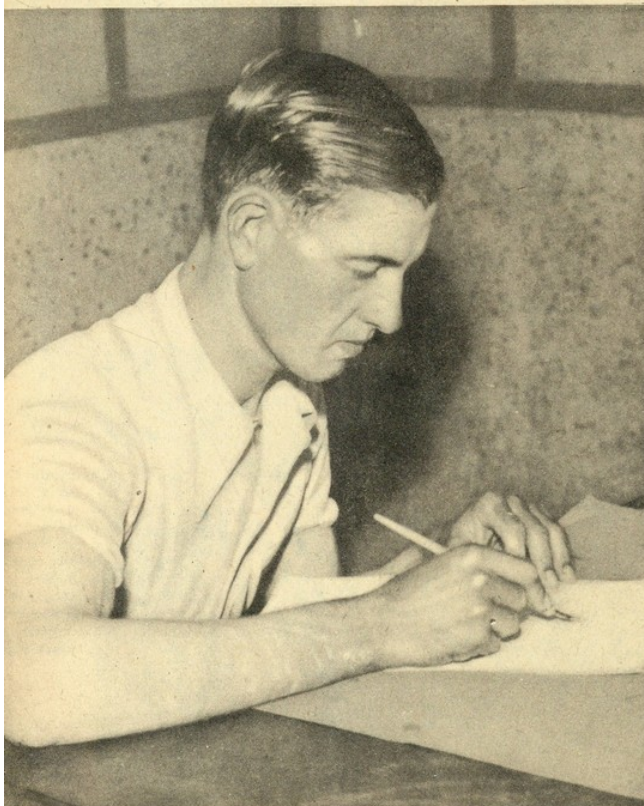
— Mas como é que faz música, se não sabe uma nota?

— O maestro da Sociedade é muito meu amigo. Pensei numa música. Inventei-a. Assobio-a ou trauteio-a. E ele pacientemente vai compondo. É outra coisa muito engraçada...

— Você é então o director artístico do grupo cénico de Mucifal?

— Sou. Também já tenho ensaiado grupos dos arredores. As vezes tenho de andar uma hora e meia a pé e debaixo de chuva — mas não falto.

— Ganha dinheiro com esses ensaios?



— Não, senhor. Eu gosto daquilo, é a minha paixão, e iria quasi ao fim do mundo para ver uns rapazes e umas raparigas a representarem com alguma graça... O dinheiro ganho-o doutro lado. A custa dos meus braços — e da terra que cultivo, da minha terra!

* * *

Uma curiosidade, este José Fernandes Badajoz. A sua primeira exibição no Rádio Clube, foi um êxito.

Estamos em presença duma vocação. É inegável. Porque fazer versos, cantar e fazer música de ouvido, só uma vocação e intuição.

Tenderá a desenvolver-se? É de admitir, logicamente, que sim.

Tem todos os predicados para triunfar, e mais um: a sua modéstia, irmã gémea duma força de vontade curtida prodigiosamente pelo calejar da enxada, que ele maneja com tanta violência e rudeza, como suavemente faz deslizar a caneta pelo papel, semeando o sabor rústico dos seus versos, ou a harmoniosa melodia das suas canções, sorvida no contacto diário com a terra. — com a terra que é todo o seu enlêvo, — dela pretendendo bastar-se a si próprio!...

Leia o leitor, por último, a canção do cavador, música e letra de Badajoz, e que se reproduz a seguir. Repare. É duma singeleza e verdade que só um homem do campo conhece, e não um aguarelista, um romancista ou um paroleiro de café — todos literatura, todos preciosismo, todos ficção!...

O CAVADOR

Mal que rompe a madrugada,
Ponho ao ombro a minha enxada.
Vou p'ra o campo trabalhar;
É assim a minha vida,
Porque gosto desta vida
Nunca a poderei deixar!

Quem no campo labutar,
É que sabe avaliar
O que custa a nossa arte,
Quem o trabalho conhece,
Vê que o cavador merece
Elogio em toda a parte!

Estrilho

O pobre trabalhador
Passa vida atribulada,
Desde manhã ao sol-pôr,
A puxar pela enxada!
Sempre, sempre a trabalhar.
É assim o nosso viver:
Se não podemos ganhar,
Já não temos que comer!

II

Há quem diga, por supór,
Que o pobre trabalhador
É rude e não sabe nada,
Que é uma idéia embrutecida,
Pois somente leva a vida
A puxar pela enxada...
Sabemos compreender
Que é bonito saber ler
E que é bom ser educado;
A sorte é que nos ilude,
Mas não tem nada ser rude,
Para ser homem honrado!



OS PORTUGUESES que trabalham na B.B.C.



O sr. conde de Lavradio lendo uma das suas palestras dedicadas aos ouvintes portugueses.

QUANDO a guerra ecodiu o silêncio pesou sobre o mundo. Poucos se lembraram de que a rádio conquistara, pelos seus sinais azuis de progressos constantes, o lugar invencível de uma voz que nada consegue calar; quidi todos reconhecer que se desorientassem no espaço, antes do rebotar das hostilidades, tanto na terra como no mar, a «borrasca» destruidora das interferências que agitaria em tumulto a harmonia universalizada da palavra e da música.

O edifício da Portland Place, em Londres, onde estão instalados os estúdios da B. B. C.



Não nasceu assim, lentamente e continuamente a ouvir e, agora com mais ardente interesse, a voz dos povos que se botam pela ordem e respeito mútuo das nações livres. A rádio é hoje para a Inglaterra a sexta arma da guerra, mas continua a ser a primeira arma de paz.

Preparada pela organização modular, pela complexidade dos serviços e pela maleabilidade da estrutura para todas as eventualidades, não foi difícil nem longa a adaptação da B. B. C. ao seu objetivo primordial e duplo.

Antes de desarmarmos as mobilizações introduzidas pela guerra nos serviços da B. B. C. é preciso demonstrar que «plato de combate e sacrifício» não é uma viúva de reditor.

O «estúdio radiofónico» inglês conta já as suas vítimas e, com tão grande orgulho como sincera dor, inscreve os nomes de alguns que o serviram na lista mortuária desta guerra.

O edifício da B. B. C., em Portland Place, foi atingido duas vezes durante os repetidos bombardeamentos que a capital britânica tem sofrido; e por toda a Grã-Bretanha onde se encontram dispersos, mas em actividade incessante, muitos serviços da radiodifusão inglesa outros sítios onde se registaram entre o pessoal técnico e artístico, colonial e estrangeiro da B. B. C.

Da primeira vez que foi atingida a sede londrino, iniciou um locutor a leitura do noticiário para o país e outro, a do noticiário em alemão.

Era a hora de maior movimento na «Broadcasting House»; trabalhavam-se em todas as suas secções e em numerosos microfones transmitiam-se programas artísticos para as ilhas, para a Europa, para os Dominions e saídas do ultramar.

A primeira bomba explodiu, com estampido abafado e seco; no mundo inteiro ouviram-no milhões de pessoas, sem que a música operasse logo a sua verdadeira natureza.

O locutor Bruce Bellgrave estava lendo o sumário que precede normalmente a leitura das notícias e no momento em que dizia: «o «post scriptum» desta noite...», a voz embargou-se-lhe ligeiramente e o silêncio repercutiu o estrondo.

Mas a praxia fôndica leve; numa voz clara, só levemente inquietada, o locutor afirmou: «Não é nada...» e logo a leitura prosseguiu, impassível, com a cadência e calma das horas tranquilas.

A fachada do edifício com frente para Portland Place ficou destruída ao nível do 5.º andar e alguns muros e paredes caíram entre os escombros. Foi atingido, sobretudo, o pessoal de serviço (técnicos) que nessa parte do edifício estava desempenhando os seus funções.

No segundo ataque aéreo, uma enxurrada de bombas altamente explosivas, caiu em diversos pontos da «Broadcasting House», atingindo algumas das trancheas do prédio, a Igreja de Todos os Santos e outras obras próximas.

Os vidros ficaram estilhaçados, parte da estrutura resistente do edifício foi estragada, irromperam incêndios em diversas secções que só do fim de seis horas se extinguiram — mas a «Voz de Londres» não se calou e o seu serviço, o vago e agitado espírito continuou, a clamar ao

O locutor Fernando Pessoa, chefe da locução portuguesa.



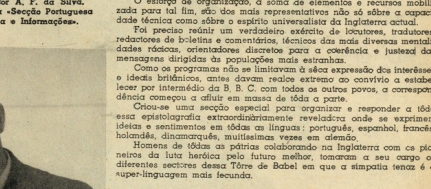
mundo e vontade inabalável do povo britânico na luta e a sua convicção no vitória justa.

Foiu ferido, então, nesse segundo ataque aéreo, o chefe do serviço de programação sr. B. E. Nichols.

Enquanto os dois com as providências de socorro e reparação foram tão rápidas que garantiram o prosseguimento da tarefa universal da B. B. C., evitando assim o violento traumatismo moral que poderia provocar nos ouvintes a suspensão da palavra britânica. Para milhões de consciências incorruptíveis na Inglaterra, nas terras dispersas do seu Império, em todas as partes de todos os continentes a B. B. C. continua a ser o penhor da resistência e da esperança.

A B. B. C. tornou-se a Torre de Babel mais variada e universalista de todos os tempos. Em Londres, mas do que em qualquer outra parte do mundo, erguem-se livremente, com sinceridade e verdade, a alma de todos os povos, seja qual for o seu carácter ou a língua que adoptem. O serviço supõe em línguas estrangeiras chega a emitir para o espaço

A esquerda: «Secção redactorial dos Noticiários». Em baixo: O locutor A. F. da Silva. Ao fundo: Aspecto da «Secção Portuguesa de Correspondência e Informações».



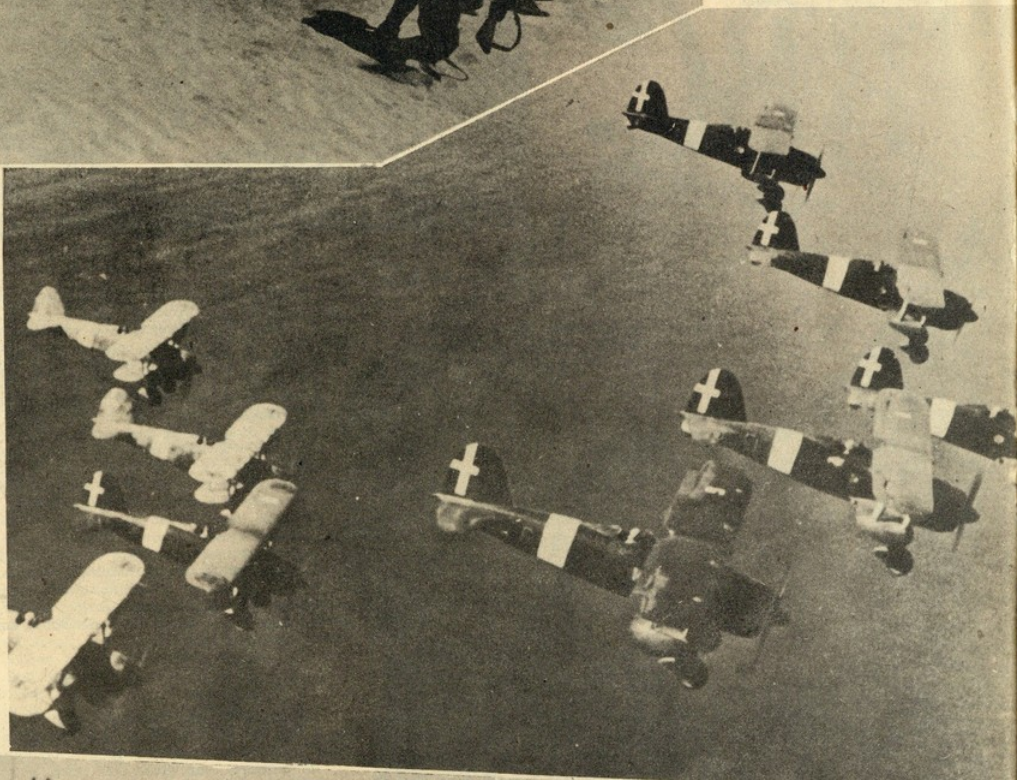
Os noticiários em português da B. B. C. são habitualmente ouvidos entre nós. Os locutores são sempre os mesmos: Fernando Pessoa e Francisco Ribeiro de Carvalho — outros locutores da B. B. C. — F. A. Martins. As palestras são proferidas pelos srs. conde de Ladrado e Oscar da Silva.



Imagens da **ITALIA** na guerra



na
terra,
no ar
e
no
mar



AO ALTO: Patrulha italiana no ataque a uma posição inimiga, em pleno deserto na África do Norte, durante uma violenta «tempestade de areia».

AO CENTRO: Uma formação de «casas» italianos em vôo de reconhecimento no Mediterrâneo Central.

AO LADO: O «Duce» passa revista numa base naval italiana, às guarnições que tomaram parte no ataque feito a um «combóio» inimigo.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIV A rivalidade de alemães e russos

6

UMA PROCLAMAÇÃO E UM DISCURSO

N

O dia 22 de Junho de 1941 o mundo escutou dois documentos sensacionais. Um e outro serviriam para mudar a face da guerra. O primeiro, foi o discurso pronunciado, em Londres, na Câmara dos Comuns, pelo Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, alma e cérebro da resistência inglesa; o segundo foi divulgado

em Berlim, pelo Führer do Reich nacional-socialista. Ambos apareceram, lidos a distância, recheados de revelações sensacionais; mais do que isso, em ambos podem ser encontrados hoje os sintomas reveladores do que depois havia de passar-se.

O Führer empregou, mais uma vez na sua carreira política, a linguagem vibrante que sempre caracterizou a sua oratória no momento das grandes decisões; o segundo falou com a veemência habitual para denunciar o que considerou, nessa altura, o erro capital do seu principal adversário. Entre os dois documentos, a U. R. S. S. entrava na categoria dos beligerantes, invadida por uns, exaltada por outros, tornada, pela invasão do seu território, inimiga dos alemães e aliada dos ingleses.

Os dois documentos tiveram o mérito e o significado histórico de definir dois grupos de potências e dois blocos de interesses. Porque, ao mesmo tempo que o Reich, entraram em guerra contra a U. R. S. S., a Itália, a Finlândia e a Roménia; e os soviéticos passaram a ser, pela força das circunstâncias, os aliados da Grã-Bretanha, fazendo, com esta, uma guerra de objectivos imediatos comuns. Foi isto mesmo que o sr. Churchill anunciou em palavras que começaram por acentuar que o homem que as proferia não renegava nenhuma das afirmações por ele feitas anteriormente a propósito das instituições políticas e sociais predominantes na Rússia.

O que se passou nesse dia foi o prelúdio da conflagração que veio a generalizar-se, seis meses depois, pela entrada na guerra dos Estados Unidos e do Japão. Essa conflagração, traduzindo a luta de dois grupos de potências rivais, aparecia esboçada nas suas linhas gerais naquele dia 22 de Junho de 1941, em que o Führer na sua proclamação dirigida ao povo do Reich anunciou que as tropas alemãs acabavam de pisar o território soviético.

A PROCLAMAÇÃO DO FÜHRER

A proclamação do Führer encerra uma parte fundamental: a confirmação de todas as notícias correntes, naquela altura, sobre os motivos de divergência latentes durante cerca de dois anos entre o Reich e a U. R. S. S. Procuraremos, recordando esses motivos a que nos referimos anteriormente, documentar o que então se passou com as informações fornecidas pelo discurso do chanceler do Reich.

Aludindo à transferência das populações alemãs residentes nos países bálticos, primeira afirmação da discordância germano-russa depois da assinatura do pacto de 23 de Agosto, o Führer declarou:

«Um número de alemães, que ultrapassava largamente meio milhão, todos pequenos artífices, agricultores ou operários foram forçados, quasi de uma dia para outro, a deixar os países onde estavam estabelecidos para escapar a um regime que os ameaçava primeiro com a miséria e mais tarde com o extermínio. Isso não impediu que tivessem desaparecido dezenas de milhares de alemães. Nunca foi possível conhecer a sorte desses alemães, nem saber onde eles paravam. Perante tudo isto tive de me calar, pois me animava o desejo de chegar com o governo russo a um entendimento definitivo e a uma liquidação permanente dos nossos motivos de divergência.»

Assim se confirmava, inteiramente, tudo o que tinha corrido a respeito das transferências, para o território do Reich, das populações de origem alemã que durante séculos habitaram os países bálticos. Esse episódio que foi, sem sombra de dúvidas, um dos mais dolorosos que o orgulho alemão suportou, durante os últimos séculos, foi apropriadamente evocado pelo Führer que, na sua proclamação, se queixou amargamente do procedimento dos dirigentes soviéticos que interpretaram o pacto germano-soviético como uma autorização para realizar os objectivos de ordem nacional que em Moscovo tinham fixado. Com o caso dos residentes

alemães dos países bálticos, o Führer evocou outros episódios, que eram igualmente do conhecimento público, embora lhes faltasse a confirmação oficial.

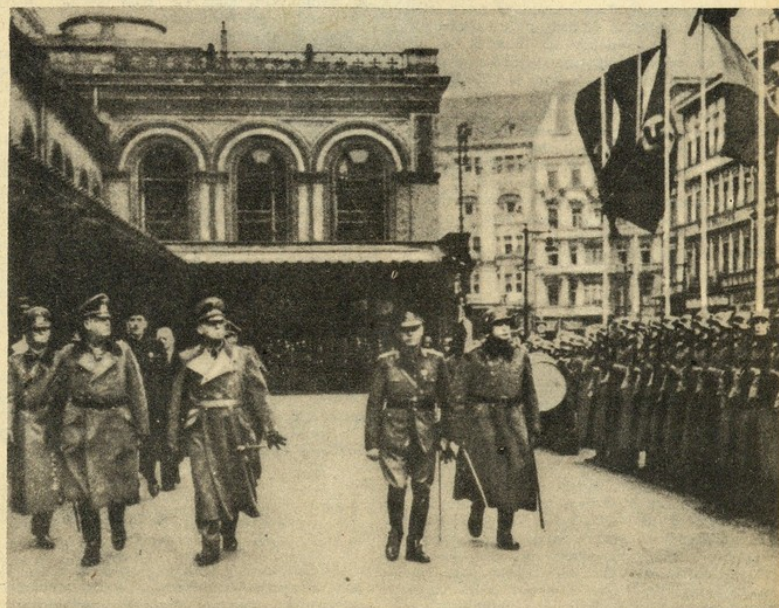
A CAMPANHA DA FINLÂNDIA

Em seguida ao caso das transferências de população de origem alemã, o Führer evocou o caso da ocupação dos países bálticos pelos russos, começando por aludir ao que se passou na Lituânia:

«Desde o nosso avanço na Polónia, os governantes soviéticos exigiam a Lituânia, subitamente, contra o espírito do acordo que haviam concluído em 23 de Agosto. O Reich nunca tivera a intenção de ocupar a Lituânia. Nunca se aproximou, por isso, do governo lituano. Pelo contrário, recusou o convite que lhe foi feito pelo governo lituano para enviar tropas alemãs a fim de ocuparem o território daquele país. Apesar de tudo aceitei esta nova exigência russa. Ela não foi mais do que o começo duma chantagem. Essa chantagem registou, depois, diversos episódios idênticos.»

Depois de ter referido o caso da Lituânia, o Führer aludiu ao caso da Finlândia e à campanha militar conduzida contra este país pelos exércitos soviéticos. Essa campanha e as condições em que ela foi desencadeada foram assim evocadas pelo chefe da nação alemã:

«Durante o outono de 1939 e a primavera de 1940, a Rússia, que desejava subjugar militarmente a Finlândia e os pequenos Estados



O general Antonescu, chefe do Governo da Roménia, durante a sua estadia em Berlim, passa revista à guarda de honra alemã, acompanhado de Von Ribbentrop e do marechal Keitel.

bálticos, tornou, súbitamente, pública esta intenção com a afirmação, mentirosa e ridícula, de que era obrigada a proteger estes países contra uma ameaça estrangeira, cabendo-lhe a obrigação de prevenir esta ameaça. De onde partia a ameaça? Era evidente que a declaração russa visava apenas a Alemanha. Bastava olhar um mapa para se reconhecer que nenhum outro país, que não fosse o nosso, estava em condições de penetrar no território dos países bálticos nem de utilizar esses territórios para fazer a guerra. Apesar de reconhecer esta verdade tive, mais uma vez, de guardar o silêncio.

O Führer, com a alta autoridade do seu cargo, confirmava, portanto, de maneira inequívoca: 1.º) que a pressão russa sobre a Finlândia e os países bálticos acabou por conseguir todos os objectivos que se propunham alcançar os dirigentes de Moscovo; 2.º) que a Alemanha, em obediência ao pacto de 23 de Agosto, reconheceria a conveniência de se calar.

A ANEXAÇÃO DA BESSARÁBIA

Depois de se ter referido aos países bálticos, o Führer aludiu à acção russa nos Balcãs, fornecendo, a esse respeito, pormenores não menos significativos. Começou por contar o que se passara com a anexação da Bessarábia e da Bucovina, dizendo:

«A invasão da Roménia pela Rússia e a dependência em que a Grécia estava da Grã-Bretanha, ameaçavam transformar estes países em territórios de operações. Deixar ao governo romeno, responsável pela evolução dos acontecimentos, o conselho de ceder à chantagem soviética, no interesse da paz, consentindo em ceder a Bessarábia. O governo romeno entendeu que não podia tomar a responsabilidade do que porventura viesse a acontecer, desde que, previamente, lhe não fosse dada a garantia de que a Alemanha e a Itália se responsabilizavam pela integridade das fronteiras romenas que viessem a estabelecer-se depois da cedência da Bessarábia. Resignei-me, também com pesar, a dar esta garantia. Hesitei, porém, muito tempo em o fazer. Julgo que servi assim, no último momento, a causa da paz naquela região.»

Convém, nesta altura, recordar a seqüência dos acontecimentos evocados pelo Führer. Em seguida à campanha da Polónia, a U. R. S. S. negociou com os países bálticos; em Dezembro de 1939, léz a guerra à Finlândia; como consequência das dificuldades que a campanha a ocidente criara ao Reich, ocupou definitivamente a Lituânia, a Letónia e a Estónia e anexou a Bessarábia. Assim era legítimo dizer que, tendo também em conta a ocupação de mais de metade do território polaco, o pacto germano-russo de 23 de Agosto jogara quasi exclusivamente em benefício da U. R. S. S., que a ele tirara todos os benefícios para a realização da sua política nacional e para a consolidação da sua posição internacional.

No caso especial da Roménia, o discurso do Führer revelava os bastiões da crise romena, em alguns períodos culminantes da vida contemporânea deste país. O consentimento e o conselho dados pelo governo do Reich a Bucaresta para que a Roménia consentisse na cedência daquela valiosa região, era uma das mais importantes revelações que o discurso do Führer encerrava, das que produziriam, em todo o mundo, uma emoção justificada.

A VISITA DE MOLOTOV

O discurso entrou então na sua fase culminante: a viagem de Molotov a Berlim, em Novembro de 1940. O comissário do povo para os negócios estrangeiros, foi à capital do Reich, segundo o testemunho do Führer, apresentar as últimas reivindicações dos soviéticos, as quais, se fossem satisfeitas, se traduziriam pela dominação russa nos Balcãs e nos Estreitos.

«O ministro russo, revelou o Führer, começou por me perguntar se a garantia alemã dada à Roménia entrava em acção no caso de um ataque soviético contra este último país. Molotov, depois de me ter dito que a Rússia se sentia de novo ameaçada pela Finlândia, perguntou-me se a Alemanha não concederia qualquer auxílio a este país, devendo mesmo retirar dele as tropas alemãs que já ali se encontra-

vam. Molotov perguntou-me mais se a Alemanha estava pronta a consentir que a Rússia desse uma garantia à Bulgária, e enviasse tropas soviéticas para este país, acrescentando que essas tropas não tinham a intenção de expulsar do país nem o rei Boris nem o seu governo. Por último Molotov disse-me que a Rússia tinha absoluta necessidade de uma passagem livre pelos Dardanelos, querendo saber se a Alemanha estaria de acordo com esta sugestão.»

O Führer recusara-se a aceder a todos estes pedidos. Fora essa a causa imediata do rompimento que acabava por se consumir com a entrada das tropas alemãs em território soviético. Segundo o seu depoimento, a U. R. S. S., depois de ter realizado a ocupação total dos países bálticos, preparava-se para proceder, de maneira idêntica, em relação aos países dos Balcãs e pusera claramente o problema dos estreitos. Este último aspecto da questão era de molde a suscitar as susceptibilidades da nação turca que sempre encarara a situação do Bósforo e dos Dardanelos como um problema de interesse vital para os seus próprios interesses. O discurso do chanceler revestia-se, desta forma, de um incontestável significado diplomático e político. As nações balcánicas ficavam assim, umas de maneira directa outras de maneira indirecta, ligadas ao Reich e à sua acção durante o presente conflito e a Turquia recebia um aviso solene sobre a natureza das ambições russas.

A DECLARAÇÃO DE GUERRA

A última parte do discurso do Führer aludia às actividades soviéticas depois de malgrado o acordo que devia resultar da visita de Molotov a Berlim. Essas actividades, segundo o seu testemunho, traduziam-se, praticamente, por uma tentativa de golpe de Estado na Roménia, para derrubar o governo que sob a presidência do marechal Antonesco se instalara no poder, pelo golpe de Estado dado em Belgrado pelo general Simovich e pelo acordo estreito com a Grã-Bretanha para transformar os Balcãs numa zona de actividade anti-alemã. Acrescentou que, enquanto praticava estes actos agressivos e contrários ao espírito do pacto de 23 de Agosto, a U. R. S. S. publicava notas diplomáticas afirmando o seu respeito pelos compromissos tomados e a sua vontade decidida de concorrer para a manutenção da paz nas regiões geográficas onde se chocavam os interesses das duas potências. Obrigado a calar-se, durante muito tempo, chegara o momento de liquidar uma situação que se agravava, de momento para momento, com prejuizo grave do prestígio da Alemanha.

E o Führer concluiu:

«Enquanto atár aqui as circunstâncias me obrigaram a guardar pacientemente o silêncio, chegou agora o momento em que toda a atitude de expectativa seria não só um pecado de omissão, mas ainda um crime cometido em prejuizo do povo alemão ou seja em prejuizo de toda a Europa. Hoje aproximadamente cento e sessenta divisões russas se encontram próxima das nossas fronteiras. Desde há semanas se registam violações de fronteiras, junto do nosso país, no extremo norte da Europa e na Roménia. Chegou a hora em que é necessário opor-nos a esta conspiração dos fomentadores de guerra anglo-judeus e dos potentados judeus da central bolchevista masculina.» Por último definiu as características da luta que ia empreender: «A missão da frente que se vai criar não é apenas a de proteger países isolados mas a de garantir a segurança da Europa e a salvaguarda de todos os países deste continente. Coloco a sorte e o futuro do Reich e do seu povo nas mãos dos nossos soldados.» Os dados de ferro estavam lançados. Ia começar uma fase decisiva da guerra.

O DISCURSO DE CHURCHILL

O discurso que Churchill proferiu nesse dia tem uma importância capital pelas revelações que contém e porque serviu de base ao acordo anglo-russo, depois transformado em aliança militar e entendimento político entre os dois países.

O Primeiro Ministro, que declarou não ser surpresa para ele nada do que estava a acontecer, acrescentou: «Avisei Estaline do que ia suceder. Avisei-o a ele como avisei tantos outros. Resta-me a esperança de que estes avisos não tenham sido inúteis. Mas o que acontece basta para nos fazer conter a respiração.» Segundo todas as probabilidades, o aviso a que Churchill nessa altura se referiu devia ter sido dado em seguida ao vôo de Rudolff Hess para a Escócia.

O Primeiro Ministro, que foi no seu país um dos mais combativos adversários do regime comunista, não se eximiu a tratar este ponto, particularmente delicado, afirmando: «Ninguém se tem oposto mais firmemente do que eu ao comunismo durante estes últimos vinte e cinco anos. Não renego uma só palavra do que disse a esse respeito. Mas tudo isso se desvanece perante o espectáculo que se desenrola agora.»

Que conclusões, no campo político, diplomático e militar, tirava Churchill dos acontecimentos transcendentais ocorridos naquele dia? «Todos os Estados que entrarem em luta com o Reich, declarou ele, podem contar com o nosso auxílio, mas todos aqueles que com ele enfileirarem serão considerados nossos inimigos. Apelamos para os nossos amigos e aliados que se encontram espalhados por todo o mundo para que nos sigam neste caminho que nós próprios seguiremos inabalavelmente até ao fim.»

Assim os campos apareciam irremediavelmente divididos. A Grã-Bretanha passaria a considerar-se imediatamente em estado de guerra com a Finlândia e a Roménia, países que enfileiravam ao lado do Reich, e considerava-se simultaneamente aliada da U. R. S. S. Porque essa aliança fosse o produto de uma preparação diplomática cuidadosa? No pensamento do Primeiro Ministro, porque a invasão do território soviético por um inimigo comum criara essa situação. Assim a Grã-Bretanha procurava beneficiar das circunstâncias criadas no presente sem comprometer o futuro.

A ALIANÇA ANGLO-RUSSA

O âmbito da amizade anglo-russa era assim definido pelo Primeiro Ministro: «Já oferecemos ao governo soviético assistência técnica ou qualquer outra que esteja ao nosso alcance prestar-lhe e que lhe possa render serviço útil nesta emergência e na rude e dura prova a que se vê sujeito. Fazemos nossos e dos Estados Unidos o perigo que agora corre a Rússia e com ela nos irmanamos. A causa pela qual a Rússia se bate agora, é a nossa causa.» A inclusão do nome dos Estados Unidos revestia-se de um aspecto sensacional. Era evidente que Churchill não fizera aquela referência sem o assentimento prévio do presidente Roosevelt e do governo norte-americano. Assim a inclusão da U. R. S. S. no número dos beligerantes trazia como primeira e mais importante consequência aproximar mais estreitamente os povos de língua inglesa. A coligação que seis meses depois havia de adoptar a designação de «Nações Unidas» estava não já em formação mas em plena evolução. Os acontecimentos se encarrerariam de lhe dar forma definitiva.

Um passo capital do discurso do Primeiro Ministro era aquele em que se referia à possibilidade de uma actividade militar imediata em conjunto pela intensificação dos ataques aéreos à Alemanha: «Bombardaremos o território alemão noite e dia em medida sempre crescente e assim continuaremos um mês após outro. Faremos com que o povo alemão pague amargamente todas as crueldades e martírios que agora está fazendo sofrer aos outros povos.»

Aparecia definido, embora de maneira ainda bastante imprecisa, um plano de acção militar conjunta, que depois havia de tomar forma mais precisa pelos acordos anglo-russos de Julho de 1941 e de Junho de 1942. Embora reservando o condicionalismo criado pela diversidade dos regimes dominantes em Londres e em Moscovo, os governos dos dois países, à medida que a luta se ia desenrolando e nela tomavam parte novos comparsas, iam estreitando as suas relações. O ambiente em que essas relações haviam de decorrer nem sempre seria propício. Mas sob o ponto de vista militar, o dia 22 de Junho marcou o início de uma coligação que devia prosseguir a guerra em condições novas.

(Continua)

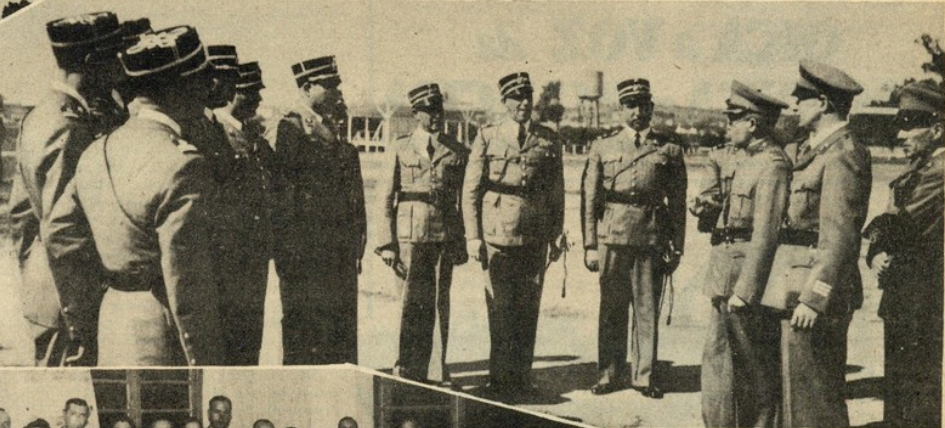
Entre nós



O sr. Presidente da República e Subsecretário de Estado da Guerra presidiram à inauguração do novo ano lectivo na Escola do Exército. Depois da «Oração de sapiência», proferida pelo sr. capitão Jorge Oom, o sr. general Carmona procedeu à distribuição de prémios e de cartas de curso aos alunos finalistas.



Em comemoração da «Festa da Raça», a colónia espanhola reuniu-se num banquete de confraternização, que se realizou no Centro Espanhol e foi presidido pelo Senhor Embaixador de Espanha, D. Nicolas Franco.



No campo do «Jockey Clube» realizaram-se, na última quinta-feira, as provas de campo de sete chefes da Polícia de Segurança Pública a fim de serem preenchidas três vagas de comissários, duas em Lisboa e uma no Pôrto. Os candidatos fizeram demonstrações de tática simples e abstracta e de guerra nas ruas. O júri foi constituído pelos srs. coronel Cameira, comandante da P. S. P., na qualidade de presidente; capitães Neves, Baptista, Prego e Mata, respectivamente, comandantes da 2.ª Divisão do Governo Civil; da Polícia do Pôrto, de Viseu e de Setúbal.



Em comemoração do 12.º aniversário da sua importante casa, a firma Amador Dominguez & C.ª (Filho), ofereceu, há dias, aos seus empregados e vários dos seus amigos, um banquete que se realizou num dos mais pitorescos restaurantes de Lisboa. É dessa festa de confraternização a foto que publicamos.



Na sessão de propaganda agrícola em Sintra, que foi presidida pelo sr. engenheiro Marques Pereira, que representava o sr. engenheiro Botelho de Sousa, director geral dos Serviços Agrícolas, usaram da palavra os srs. dr. Manuel Pessanha, presidente do Grémio da Lavoura, e Robalo Silva, chefe da delegação da IX Brigada.



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
8.15	WDJ	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
8.15	WRCA	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
8.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
9.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
9.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
19.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
20.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
20.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	
11.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
13.15.....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
22.00 (*).....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

MATERIAL ESCOLAR

Réguas, esquadros, ardosias
Estoijos de desenho, etc., etc.

À venda nos estabelecimentos:

Papelaria Carlos — Rua do Ouro, 36

Victoria — Rua Augusta, 139

Au Petit Pointre — Rua de S. Nicolau, 104

A Flamença — R. Nova do Almada, 79

PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 8)

barcos fortemente artilhados que desciam a costa e percorriam o Atlântico em guerra de corso.

Na costa da África Oriental os afundamentos da navegação, a despeito da ocupação da Madagáscar, continuam.

Juntos a estes factos, por contraste, a maior frequência com que os contingente americanos e canadianos estão chegando à Inglaterra, e os anúncios quasi sucessivos que nos últimos são dados de uma irrupção ofensiva no Egipto, e o recrudescimento dos combates entre as tropas alemãs e os corpos insurrectos balcânicos.

E de tudo isto se soltam sons de alarme, embora difusos, que recordam a aproximação de acontecimentos. Pode haver ainda necessidade de uma maior coesão nos comandos aliados, uma maior intensidade na produção e uma melhor repartição distributiva do material de guerra fabricado. Dúvida já não pode haver, porém, de que a resolução de atacar está tomada e de que os meios estão escolhidos. Já não é isto que se discute, senão a oportunidade em função de preparativos.

Na chegada de Smuts à Inglaterra, no dia 14, vê-se um acto de extraordinário alcance a este respeito. O marechal, nas declarações à imprensa que fez à sua chegada a Londres, instou na importância do teatro da guerra em África desde o Egipto à Serra Leoa. O pri-

meiro é o fulcro do Mediterrâneo.

A segunda é todo o Atlântico Sul. Dando por certas as «novas ofensivas que se aproximam», o grande estadista sul-africano, que é uma das maiores figuras do império, marcou já com nitidez pontos de vista que o «Times» acentuava no dia seguinte nestes termos assás expressivos:

«A manutenção do domínio dos aliados não somente sobre o Mediterrâneo mas sobre todo o continente africano, que por tanto tempo barrou o avanço das potências do «eixo» para o sul e para o oriente, é um factor valioso para quando o poder das Nações Unidas iniciar o ataque à Alemanha que se encontra na defensiva. O marechal Smuts sempre compreendeu a importância das frentes em África tanto na guerra ao occidente como ao oriente. As ilhas britânicas e o continente africano agüentam-se num cerco de três anos. Aproxima-se o momento em que as guarnições dêsses dois pontos com as forças aliadas que permitiram a sua resistência, se alinhem com os exércitos da Rússia e da China para cadrem sobre os agressores e levar a guerra ao coração dos países inimigos.»

Pouco custa a divisar o que de riscos e promessas se contem nestas palavras do jornal mais autorizado da Inglaterra,

16-X-42

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL



CREMES

PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

Ribeiro de Carvalho

um homem e duas épocas

inesperados se juntava levemente a citação de factos sem nenhum fundamento — trocávamos impressões com o professor dr. Martinho Nobre de Melo, hoje embaixador no Brasil, Falávamos da campanha em curso. E ouvimos a Martinho Nobre de Melo esta apreciação:

— Mas oiço tanta coisa, tanta acusação, e, afinal, esse homem, que tem méritos, que tem influência, que é membro da Academia, não recebeu da República mais que um modesto lugar numa repartição...

Era verdade. Era assim mesmo. Ribeiro de Carvalho, na sua carreira burocrática, contentara-se com um simples emprêgo de chefe de secretaria num estabelecimento de ensino...

* * *

Isso tudo, porém, era a parte da vida que se faz por obrigação. O resto, a devoção, a tarefa a que se consagrava por inteiro era o jornalismo, de que ele tinha uma noção muito pessoal, uma intuição característica — que se fundamentava principalmente no propósito de nada escrever que não pudesse ser entendido por toda a gente, principalmente pelas camadas menos cultas, em que sempre pensava quando escrevia.

Em 1930 — tinha então terminado a sua efêmera existência o «Diário Popular», de Celorico Gil — depois de ter passado algum tempo exilado na ilha da Madeira, Ribeiro de Carvalho voltou a Lisboa e ressuscitou a sua «República». Foi aí que nos conhecemos, e creio bem que posso testemunhar o que foi a fase final da vida de Ribeiro de Carvalho, estes doze anos que passámos em comum na louca consunção de fazer um jornal, em que ele, alguns anos a fio, quasi sem uma falha, escrevia o seu «fundo» diário — às vezes dois e três... O jornal rompeu como tribuna política. E, na simplicidade dos seus raciocínios, simplicidade voluntária, que ele reclamava como preocupação constante, consubstanciara todo o seu programa de acção e de doutrinação nesta frase simples: «Viva a República!» — com que, quasi invariavelmente, concluía os seus artigos. Dessa frase fez ele um «slogan», repetindo-a cada dia, repetindo-a mesmo várias vezes no mesmo artigo.

Vistas as coisas à luz da mentalidade da nossa geração — que não era, evidentemente, a dele — havia alguma coisa de ingenuidade neste resumo de todas as preocupações. A verdade é que ele tinha razão. Essas três palavras — um grito que tantos anos ecoara sobre laços de gente retinida a escutar o verbo dos apóstolos da sua idéa — foram com certeza a razão de ser do triunfo que conseguiu para o seu jornal. É certo que, passado algum tempo, não faltou, mesmo entre os seus

amigos, quem o acusasse da sua insistência, mas ele sorria-lhes e sabia bem que as coisas simples são as que chegam a todo o mundo e que nem todo o mundo é composto de doutores! O seu instinto, nessas coisas, não o enganava. A sua experiência, não o traía.

* * *

Podem-me um artigo sobre Ribeiro de Carvalho, e justo é que dele apenas se fale, sem o jeito feio de que pretendo aproveitar o momento para um lance de auto-biografia. Mas é da condição de seu imediato colaborador de uma dúzia de anos que podemos extrair o depoimento que interessa para que bem se julgue este homem que não pode já julgar-nos a nós. Durante todo esse tempo, em que passou meses seguidos, às vezes fora do país, sem frequentar a sua redacção — sem nunca faltar, porém, com o seu original — Ribeiro de Carvalho nunca pôs qualquer restrição à liberdade dos seus colaboradores. Rodeara-se de uma equipa em quem se habituara a confiar — e confiava. No jornal, que era dele, não se recusava referência a quem quer que fosse — desde que justamente a merecesse — pelo simples facto de se tratar de pessoa com quem ele tivesse arrefecido ou interrompido relações: não falta por aí quem o saiba por experiência própria. Talvez falte, porém, quem o proclame. A oportunidade deste artigo servirá, ao menos, para que se faça esta justiça ao homem a quem se não pouparam muitas calúnias. E fazemo-lo com tranqüilidade e paz de espírito — dar com a direita de modo que a esquerda não veja — pois que Ribeiro de Carvalho morreu e, se não sabemos lisonjejar os vivos, sabemos guardar perante os mortos a serenidade precisa para um juízo sem nenhum exagero. Em 12 anos de trabalho em comum, nunca me faltou com a sua confiança, desde que teve a fantasia de ter no seu jornal — isto, repita-se, foi há 12 anos... — o mais jovem chefe de redacção da imprensa europeia. E assim ficámos. A sua memória manteve-me grato pela sua camaradagem. Creio que não tenho que lhe agradecer a sua confiança — pois dela me servi sempre para o servir a ele e não a mim. Há pouco mais de um ano, quando teve de abandonar a direcção do seu jornal, queria ele que eu partilhasse publicamente a responsabilidade da sua successão. As circunstâncias não me deixavam aceitar — não pelo temor da responsabilidade, mas, precisamente, pelo temor da irresponsabilidade. Ele bem compreendeu essas razões, apesar de não termos voltado a falar nisso. Mais um reconhecimento que se lhe deve: esse — a sua inteligência.

JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS



ERA um homem robusto, que vendia saúde. Tinha 63 anos, o corpo pesado, pescoço curto, um perfil de desenho fácil e, às vezes, um sorriso ingênuo de criança. Morreu — suponho — sem saber que morria. Mais vale assim.

Ribeiro de Carvalho tinha aglutinado em si os mais altos defeitos e as mais altas virtudes da sua geração e da sua época. Viera para a luta, porventura, por inspiração literária. E aí está o contrassenso da sua vida: o lutador, o homem prático apagara o literato, quando, justamente, o que ele mostrou ser capaz de fazer na literatura atingiu um nível de perfeição e grandeza muito para além destas mesquinhas de nada que são a vida de todos os dias a que ele e todos temos de nos entregar.

Antes dos 20 anos sentiu-se republicano, como toda a gente no seu tempo. Mas a idéa republicana, por essa altura, erguia-se e crescia em cada homem muito mais como uma expressão por assim dizer literária do que como sinónimo de alguma coisa que assumisse aspecto de imediatamente concretizável. Era um sonho, uma névoa de sonho, uma imagem de poetas, um estandarte que se erguia e agitava, que tomava vulto como utopia, uma imagem que se via crescer, que se via avolumar-se, mas que cada um, em seu íntimo, teimava em sentir como pertencendo ao domínio da imaterialidade. É assim o homem: só se sa-

tisfaz em correr atrás do seu sonho, ardente, ansioso, braços estendidos em busca de uma realidade que tanto se deseja palpar como se deseja prolongar em pura utopia. Um dia acorda-se do sonho. Que foi? O sonho fez-se realidade? Que pena! Sonhar é sempre melhor...

* * *

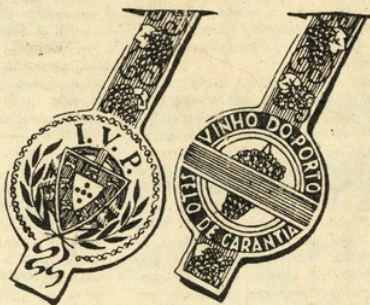
Também um dia, os republicanos acordaram com a República transformada em realidade. Ribeiro de Carvalho, que pusera ao serviço do ideal republicano a sua pena inquietada, pertencida à ala juvenil que fizera a revolução. Tinha 25 anos — e já tinha um passado que lhe servia de fiador. Fora um dos homens que tinham transformado as instituições, vivera as horas inquietas da propaganda, vivera a hora ardente da transformação. O novo regime procurava as suas «élites». Ei-lo deputado, durante todos os 16 anos de república parlamentar — descontado o interregno sidonista. Frequentou os gabinetes, aprendeu o segredo de toda a engenhagem da vida pública, foi um dos colaboradores mais próximos do Presidente António José de Almeida, tomou contacto com os grandes problemas e os grandes momentos da vida nacional, muitas vezes, em horas inquietas, chegou a revelar-se como árbitro dos mais impressionantes acontecimentos. Pois ficou sempre o que era: jornalista.

De uma vez — crepitava contra Ribeiro de Carvalho campanha acesa, em que aos argumentos mais



1942

O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD

CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS



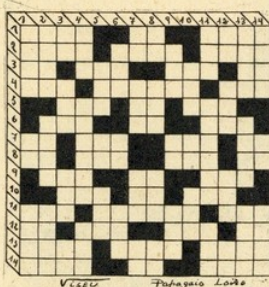
A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD—LONDRES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 44



HORIZONTAIS: 1 — Alimento; Vaidosa; Iemã. 2 — Jarro (planta); Piedoso (pl.); Terra arroteada, própria para cultura. 3 — Gracejei; Antiga medida oriental, correspondente ao módio romano; Bagatela; Cabelo branco. 4 — Jeito; Género de plantas poligaléceas; Extase. 5 — Fritivolo; Interj. (designativa de dor); Morada. 6 — Aparência; O mesmo que Anã; Acampamento. 7 — Instrumento de padejar; Favo; Semelhante; Andava. 8 — Caminhar; Renque; Agora; Tu. 9 — Acrescentei; Trabalhosa; Tanto. 10 — Segurei; Passar; Cadeia. 11 — Demorar; Descalino; Ovário dos peixes. 12 — Morrer-se; Pretexto; Interj. (para excitar); O mais. 13 — Piteira; Rezar; Casebre. 14 — Virtude; Artigo plural; Ligeiriza.

VERTICAIS: 1 — Chibata; Letra grega; Modelo. 2 — Flor; Fachada; O mesmo que Ereo. 3 — Acha; Principio; Ocasionar; Até. 4 — Combinação de preposição e artigo (pl.); Traçais; Mastim. 5 — Aio; Ele; Cada um dos dois corpos que uma corrente eléctrica desagregou. 6 — Cajado; Longe; Sorte de jógo de cartas. 7 — Observei; Singela; Grita; Letra grega. 8 — Ditongo nasal português; Luz; Espécie de sopo das regiões do Amazonas; Artigo feminino plural. 9 — Aparece; Poeira; Conhecer. 10 — Baixo; Bizarras; Norma. 11 — Gatra; Contrato; Atalha. 12 — Donaire; Maneira; Anel; Artigo (pl.). 13 — Pedação; Espécie de cerveja, fabricada pelos antigos egípcios; Vitela. 14 — Rafeiro; Queixume; Labareda (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 43

HORIZONTAIS: 1 — Gamos; Cêres. 2 — Total; Vogam. 3 — Aseios; Palito. 4 — Pan; Rocas; Dar. 5 — Ereo; Ais; Céno. 6 — Uma; Nos. 7 — Imo; Geo. 8 — Ana; Ola. 9 — Obra; Diu; Ibis. 10 — Ler; Celso; Ana. 11 — Tremas; Açúcar. 12 — Oraes; Abolo. 13 — Asstar; Frisa.

VERTICAIS: 1 — Tapes; Sólto. 2 — Gozar; Berra. 3 — Ateneu; Arreas. 4 — Mal; Omnia; Mês. 5 — Olor; Ama; Casa. 6 — Sóa; Dês. 7 — Lia; Til. 8 — Pás; Usa. 9 — Evas; Neo; Ocar. 10 — Rol; Cooli; Ubi. 11 — Egides; Abacos. 12 — Satar; Inala. 13 — Morou; Asaro.

O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



— Ah! Se os poetas tivessem, algum dia, pegado numa pá e numa vassoura para apanhar as fôlhas que caem... nunca exaltariam o outono com tanto lirismo!

O CIGARRO E A FORMIGA

ou aventuras de um amor de campismo

not. Bastos Guerra

TODAS as convicções são respeitáveis, desde que se mostrem sinceras.

Assim sucede com o nudismo, salva esta pequena restrição: para se impôr ao nosso respeito, o nudista convicto, além de ser sincero, deve ter um físico apresentável.

Consiste o nudismo em circular ao ar livre como muitas vezes circulamos no nosso quarto da cidade. Em pisar o saibro de um parque na mesma compostura e com a mesma desenvoltura com que habitualmente pisamos os mosaicos da casa de banho. Em confiar a plástica individual tal qual costumamos confiar nas entreteias do alfaiate.

O homem civilizado-vestido exhibe os sinais particulares no bilhete de identidade. O homem civilizado-despido identifica-se pelos seus próprios sinais particulares. O primeiro veste ao gosto das outras pessoas. O segundo despe-se para se assemelhar aos outros bichos. Aquelle que se quer importante na terra. Este pretende confundir-se com a terra. O primeiro traz gravata. O segundo esgaravata. Um usa *cache-col*. O outro, *cache-sexe*.

Quem o alheio veste, na praça o despe. Não é, porém, forçoso que o nudista seja ladrão. Se se despe na praça é unicamente porque isso lhe apetece.

Claro que o nudismo revela uma convicção extremista. Na vida usual estar nu representa uma excepção e exige certo isolamento. Mais vale nu que mal acompanhado. Mas o homem vulgar gosta de companhia, por má que seja, e, assim, não tem mais remédio senão vestir-se para poder conviver.

O nudista consegue estar nu e acompanhado. Constitue, reconhecamo-lo, uma vitória sobre os hábitos e um novo aspecto da sociabilidade. Dize-me com quem andas e dir-te-ei os trajos que não tens.

De um excesso cai-se noutro. Suprimido o cordão umbilical, que é o P. B. X., do recém-nascido, e cortadas d'este modo as comunicações com o seio materno, o exemplar humano converte-se logo em pessoa com exigências de roupa. São primeiro as faixas, fraldas e demais panajamentos. Mais tarde vêm os botões de punho, colarinhos e idênticos acessórios deformantes. Os nudistas deitaram tudo fóra, de repente, e elles aí vão, com bilhete de fim de semana, queimar a pele zebraada pelos colarinhos e as ligas, beber por pucarinhos de barro e cozinhar em fogareiros improvisados.

Mais valeria talvez seguir as pisadas dos orientais e adoptar a solução intermédia. Nem a nudez forte da verdade nem o manto pouco diáfano das calças de fantasia. Os japoneses, por exemplo, são modelos de bom-senso (os japoneses que rejeitam a moda europeia): andam vestidos, sim, mas passam todo o tempo com roupagens de ir para a cama.

Para corrigir os exagêros do nú integral, surgiu a escola do campismo, adaptação do *camping* de estrangeiros países.

O campista ama a Natureza como o nudista e, como elle, é freqüentes vezes mal correspondido. Mas em lugar de suprimir a indumentária, limita-se a reduzi-la.

Para fazer campismo é necessário:

1.º — O emblema do Clube respectivo;

2.º — Muita fé;

3.º — Uma tenda em qualquer clareira e pequena quantidade de água e lenha nas proximidades;

4.º — Individualmente: calções de «golf», óculos escuros, cachimbo e camisa de pescador.

E, ao abraçá-lo, arranhei-me no emblema de esmalte e piquei a mão nuns bocados de cardo que vinham agarrados à camisa de pescador.

Enxuguei o sangue no lenço e, com natural contentamento, perguntei-lhe como se sentia,

Elle assentou uma palmada no peito e sibillou ao longo do cachimbo:

— Campismo!

— E andas-te a tratar? — interroguei, um pouco inquieto.

— Ando a tratar-me por tu com todos os meus companheiros de acampamento. Não fazes ideia da boa camaradagem que se faz!

— Ah, sim. Campismo... E quando sentiste os primeiros sintomas?

— E o campismo propriamente dito?

— Isso, bem entendido, era secundário. Mas, pelo sim pelo não, tentei a experiência. Fui numa leva de sócios para a Arrábida e passei oito dias deliciosos. Nos primeiros momentos, custou-me alguma coisa a adaptar-me. Depois habituei-me. Compreendes: é tudo diferente. No campo vai a gente passear e ouvir cantar os ralos. Na cidade os ralos só existem para proteger a pia da cozinha. Paramos à beira de um riacho e ficamos horas esquecidas a ver como a corrente arrasta a água. Na nossa casa de Lisboa é o contrário: ao esvasiar a banheira é a água que arrasta a corrente, se não houve o cuidado de pôr cá fora a rôlha de metal. Já vês...

— Vai dizendo.

— Deitávamo-nos às dez, levantávamo-nos às seis. Cheguei a protestar. Mas o chefe do grupo impôs a indispensável disciplina: «Quem quer dormir não vem para aqui. O campismo não é para descansar, é para respirar». E realmente passei as noites a respirar, e a suspirar, pois uma formiga maldita instalou-se na minha maca de campanha e mordeu-me com insistência. Aspectos da vida ao ar livre! A certa altura puxei de um cigarro, mas o regulamento prohibia fumar na tenda. Fiquei sem o cigarro e sempre com a formiga.

— Podias ligar a telefonia para entreter a insónia...

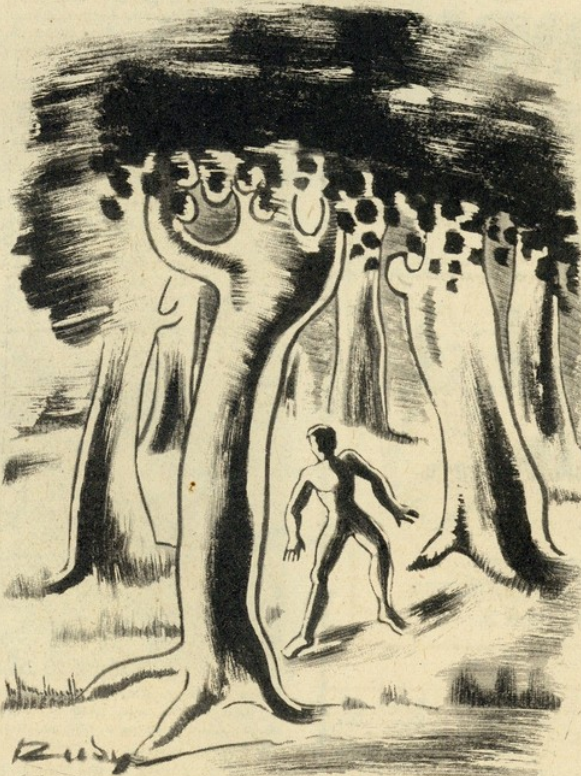
— Telefonia, só de galena, para não incomodar os outros. E, francamente, dava muito trabalho pôr o aparelho a funcionar e ainda por cima magoar as orelhas com os auscultadores. Para trabalho, bem bastava o que tínhamos de fornecer durante o dia. É muito poética e saudável a «panela fumegante», instalada sobre a fogueira do emblema. Mas o pior é que é preciso conseguir que elle fumege. Tem de se ir buscar a lenha, a água, petiscar lume como nos tempos primitivos...

— Nem por isso é muito fatigante.

— E lavar os pratos? e abrir as latas de conserva? Ah! mas como é higiênico! Para se tomar banho, havia um balde de água. «Não gastem água inutilmente» — era a ordem de serviço. Nunca percebi se o banho era inútil sob o ponto de vista regulamentar. No terceiro dia levantou-se vento e entrou areia na comida. Ao mastigar, os dentes rangiam, como se cortassem pedaços de lixa. Pequenos senões, que não affectam o bem-respirar e o bem-ver do campismo. Podes crer: não quero mais o conforto incómodo dos hotéis!

— Os passeios eram agradáveis...

— Sim, paisagens maravilhosas. Certa vez perdi-me no pinhal e entretanto anoceceu. O meu companheiro de excursão, rapaz decidido, não se atrapalhou. «Ainda bem — disse elle. — Um bom campista não deve regressar a casa como qualquer pessoa. É mesmo *chic* perder-se». Reconheci que tinha razão — e continuei aos baldões, escorregando



Foi neste preparo que encontrei o Júlio Rodrigues, meu discipulo dos velhos tempos de liceu. Estava uma bela tarde de outono e o barco da travessia do Tejo roncava forte para abrir risca na ondulação permanente do rio.

Reconheci-o logo, apesar da tonalidade escura de toda a sua pessoa: os olhos fôcos, a face bronzeada, a boina basca. Parecia uma cópia, tirada a papel-químico, do Júlio Rodrigues que eu me habituara a ver.

Para o abraçar tive de evitar o cachimbo que elle conservou cerrado entre os dentes, com a mesma altiva energia que um mastim demonstra ao segurar o osso que lhe atiraram.

— Foi num café, ao ver o emblema que o meu vizinho de mesa ostentava. O emblema do clube de Campismo. Em campo azul uma fogueira acesa e duas caçarolas cruzadas no segundo plano. Isto tentou-me, irresistivelmente. Os emblemas nobilitam, como os brazões: «Em campo de ouro, um leão rompante e dois castelos esquadrelados». Ou tornam-nos simpáticos, como nas ofertas de hospitalidade: «Em Campo de Bêsteiros, uma casa às suas ordens». Ou individualizam-nos, como nos endereços: «Em Campo Grande, um rez-do-chão Direito». Resolvi por isso entrar para o Clube, única maneira de ter jús ao ornamento da lapela.

na caruma e tropeçando nas pedras. Ele chamou-me a atenção para a beleza do céu estrelado. Eu, lembrando-me do jantar distante, respondi que preferia um ovo estrelado. E é essa afinal a diferença que separa um poeta de um verdadeiro campista. O poeta foge da realidade e olha o céu. O campista mergulha na realidade e olha o prato. Por isso, quando o meu companheiro quis recitar uma poesia da sua lavra, eu impedi-o disso, observando-lhe: «Não digas versos. Já tenho tantas coisas que me incomodem!».

— O sol queimou-te bastante.
— Segundo os bons preceitos, devíamos andar nus da cintura para cima durante a manhã. Como eu a princípio hesitasse, explicaram-me que o tronco nú estava de acordo com a Natureza. Não fiquei muito convencido, valha a verdade, visto que as árvores próximas tinham todas os troncos vestidos com a respectiva folhagem. E aqui tens com venho de volta, esbraseado pelos ultra-violetas naturais e com a ânsia de me deitar num bom colchão de arame.

— Para o ano repetes a dose?

— Para o ano reincido, evidentemente. Mas desta vez levarei equipamento mais completo...

O barco acostou ao cais e a camisola de pescador calou-se para se aproximar da ponte de desembarque. Os calções agitaram-se. O cachimbo estava agora imóvel porque o seu dono deixara de falar.

Antes de nos despedir-nos ainda perguntei ao meu amigo, por entre a confusão da saída:

— E que equipamento levás, então?!

— Vou prevenido com um bom *maple*, à prova de formigas, e um cinzeiro de pé alto... Porque não fazes também campismo?

— Hei-de pensar nisso—respondi.
— Tenho uma esplêndida cama Dom João V, que se pode transportar facilmente e...

Ele já não me ouvia. A balbúrdia de desembarque separara-nos. Quando saltei no cais, os calções curtos iam longe e, à luz de um reverbero, pude ainda aperceber o cachimbo deitando fumo. O emblema, esse, deixara de ser visível. Faltava portanto o argumento decisivo para me convencer.



Danielle dançando com seu marido, o diplomata sul-americano Rubirosa, na festa do «Negresco».

Resultou encantadora a festa bem portuguesa que Angelo Pereira — esse «barman» tão europeu — dedicou há dias no «Negresco» a Danielle Darrieux, a grande «estrêla» do cinema francês que tem estado de visita entre nós. A sala encontrava-se garrida e castiamente decorada com motivos regionais, alegres barretes verdes, colgaduras, coloridos adôrnos de festa brava. O pessoal vestia de rigor à portuguesa e a orquestra tocou só música nossa.

Vários artistas animaram esta festa encantadora. Entre eles Francis e Ruth e a cantora Amália Rodrigues.

Danielle Darrieux ficou encantada e bem o demonstrou na sua alegria esuficiente. Quando deixar Portugal há-de ter bem nos olhos e na alma toda a cor, toda a música e toda a alegria desta linda terra e desta boa gente portuguesa. E há-de ter, a todo o tempo, saudades de voltar... Esse serviço se ficará devendo a Angelo Pereira, com a sua idéia feliz dessa festa do «Negresco».

LEIA TODOS OS SÁBADOS VIDA MUNDIAL



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8,50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12,20 Comunicado Q. G. L.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14,10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22,40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22,40 Noticiário	Todas médias		
		m. 221.1	m. 263.2
0,00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21,20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



Todos o sabem. Um dentista leva vários anos a formar-se... Mas pelo que se está vendo, esta senhora americana ainda levou certamente mais tempo a adquirir esta posição verdadeiramente acrobática para deixar tratar a sua boca...

A verdade, porém, é esta. Isso também tem as suas vantagens. A leitora que experimente se quiser. Porque esta posição, por exemplo, sendo realmente incómoda — simplifica extraordinariamente os tratamentos... Mas não vá pegar a moda entre nós. Senão, as mulheres que já hoje em dia passam no dentista horas seguidas, entrarão a ficar lá — uma eternidade... a fazer acrobacias!...

Vida
MUNDIAL
e Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Imãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 26942. ————— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —————

Figuras da Vida
MUNDIAL



MARECHAL VON BOCK, O CHEFE MILITAR ALEMÃO QUE TEM DIRIGIDO A MAIS GIGANTESCA OFENSIVA MILITAR DA HISTÓRIA — A OFENSIVA CONTRA ESTALINEGRADO
(Caricatura de SANTANA)



Lêe na 3.^a página:

**A Lili vai tomar banho ou a história
duma lição que se transforma em castigo**